

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

WILLIAM MELO ARAÚJO

“THOSE WITH POWER... FEAR US! THOSE WITHOUT POWER... FOLLOW US!”: as
relações de poder, divisão de classes e resistência no mundo de Code Geass (2006)

**PARNAÍBA
2024**

WILLIAM MELO ARAÚJO

“THOSE WITH POWER... FEAR US! THOSE WITHOUT POWER... FOLLOW US!”: as relações de poder, divisão de classes e resistência no mundo de Code Geass (2006)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a integralização do curso de Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, campus Alexandre Alves de Oliveira (Parnaíba), sob orientação da Doutora Renata Cristina da Cunha.

PARNAÍBA

2024

A658t Araujo, William Melo.

"Those with power... fear us! those without power... follow us!": as relações de poder, divisão de classes e resistência no mundo de code geass (2006) / William Melo Araujo. - 2024.

78 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Licenciatura Plena em Letras-Inglês, Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba-PI, 2024.

"Orientadora: Profa. Dra. Renata Cristina da Cunha".

1. Estudos marxistas. 2. Relações de poder. 3. Divisão de classes. 4. Resistência. 5. Code Geass (2006). I. Cunha, Renata Cristina da . II. Título.

CDD 420

WILLIAM MELO ARAÚJO

“THOSE WITH POWER... FEAR US! THOSE WITHOUT POWER... FOLLOW US!”: as relações de poder, divisão de classes e resistência no mundo de Code Geass (2006)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a integralização do curso de Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, campus Alexandre Alves de Oliveira (Parnaíba), sob orientação da Doutora Renata Cristina da Cunha.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Orientadora: Doutora Renata Cristina da Cunha
Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba

Professor convidado: Doutor Ruan Nunes Silva
Universidade estadual do Piauí, Campus Parnaíba

Professora Convidada: Mestre Ana Carolina Ferreira Soares
Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba

APROVADO EM 19 DE DEZEMBRO DE 2024.

Dedico este trabalho ao Senhor Jesus, que me deu uma nova chance de vida, e à minha amada esposa Esther, que esteve ao meu lado nessa jornada até o fim.

Agradeço primeiramente ao Senhor Deus, ao Senhor Jesus e ao Senhor Espírito Santo por estar comigo quando ninguém mais estava, me proporcionando consolo, força e esperança, pois no momento que eu desacreditei de mim mesmo, só eles puderam me resgatar. E me amparo na defesa Deles pelas implicações e decisões tomadas no decorrer deste trabalho.

Agradeço com muito amor a pessoa pela qual me apaixonei à primeira vista, que iniciou essa jornada comigo e está finalizando. Minha princesa Esther, que não imaginávamos que nossas vidas estavam traçadas bem antes. Te amo como a primeira vez e te amarei como nunca.

Agradeço profundamente ao meu Pai e Mãe por nunca terem desistido de mim, me incentivarem e acreditarem que algum dia eu poderia trazer orgulho aos seus corações. Eu amo muito vocês, e é um prazer ser um filho amado por vocês.

Não poderia deixar de mencionar meus colegas que superaram juntos as loucuras de cada período, Liriel Borges e Michel Marques, no nosso grupo Pangeia. Momentos que sorriámos fazendo trabalhos e estudando, além de nos desesperarmos juntos para as provas. Acrescento o apoio moral do esposo da Liriel, Francisco Vieira, que aguentou nossas pirações em sua casa, e nunca deixou de rir conosco e compartilhar um pouco da sua experiência e bom humor. Ademais, aos meus colegas que fiz na faculdade, Wallacy e Luiza.

Agradeço também a Tia Anecy, que me deu uma oportunidade de trabalhar mais de perto com o Inglês, e por compreender todas as vezes que tinha que sair mais cedo para chegar à tempo na Universidade.

Agradeço a minha professora orientadora Doutora Renata Cristina da Cunha, por ter lapidado o meu ser acadêmico, ter me incentivado a ser mais crítico em suas aulas e ter acreditado na minha evolução. Agradeço também ao professor Doutor Ruan Nunes, por me mostrar em suas aulas que a excelência e o preparo são indispensáveis para o nosso aprendizado, além de acrescentar uma pitada de humor em tudo. Agradeço à professora Ana Carolina por ter contribuído grandemente por meio de suas aulas para meu olhar analítico e ter aceitado o meu convite.

When there is evil in this world that justice cannot defeat, would you taint your hands with evil to defeat evil? Or would you remain steadfast and righteous even if it means surrendering to evil?

Lelouch Lamperouge

Figura 1: O xeque-mate do Rei.



Fonte: Reddit.¹

¹ Disponível em: <<https://www.reddit.com/media?url=https%3A%2F%2Fpreview.redd.it%2Fsn4ro20p4xt31.jpg%3Fwidth%3D640%26crop%3Dsmart%26auto%3Dwebp%26s%3D2189644eef065f649be1815e2110f271a36bec24&rdt=37291>>
Acesso em: 09.11.2024.

ARAÚJO, William Melo “THOSE WITH POWER... FEAR US! THOSE WITHOUT POWER... FOLLOW US!”: as relações de poder, divisão de classes e resistência no mundo de Code Geass (2006) 2024. 78 f. Monografia (Graduação em Letras Inglês) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2024.

RESUMO

No estabelecimento de hierarquias socioeconômicas, o mundo contemporâneo capitalista se divide basicamente em dois grupos, ricos e pobres, assim, essas classes sociais lutam por seus interesses, os mais ricos para permanecerem no poder, e os trabalhadores para conseguir igualdade em meio a essa contradição. Dessa maneira, é imprescindível investigar de que forma a narrativa atual aborda as temáticas marxistas, se relacionando com o anime Code Geass: Lelouch of the Rebellion (2006) do criador Ichirō Ōkouchi e diretor Gorō Taniguchi. Diante disso, as relações de poder entre o Império de Britânia e a Área Onze e suas facções, revelam um interessante objeto de investigação, já que no anime, o Império de Britânia detentor de riqueza e poder bélico, dizimou os japoneses em um massacre, escravizando e os deixando isolados na então chamada, Área Onze, que permanece na pobreza e são violentados pelos soldados do império. Desse modo, o estudante Lelouch detém de um poder especial chamado Geass, que com ele pretende mudar essa relação de domínio e opressão, e embarca em uma jornada na tentativa de derrubada do império. De acordo com esse parecer, diante do que foi exposto, esta pesquisa busca responder a seguinte questão: como são estabelecidas, mantidas e confrontadas as relações de poder na Área onze do anime Code Geass (2006)? Para responder esta pergunta, estabelecemos como objetivo geral: analisar como são estabelecidas, mantidas e confrontadas as relações de poder na Área onze do anime Code Geass (2006). A fim de atingir este objetivo geral, foram estipulados como objetivos específicos: (1) discutir os pressupostos teóricos dos estudos marxistas; (2) caracterizar o Império da Britânia como classe dominante e a Área 11 como classe dominada, evidenciando os aspectos que fundamentam as relações de poder entre elas; (3) identificar como as relações de poder são estabelecidas e mantidas pela divisão de classes por parte do Império da Britânia e (4) compreender as formas que a Área 11 confronta o Império da Britânia por meio da luta de classes. Em relação ao percurso metodológico, foi feita uma pesquisa com abordagem qualitativa, cunho exploratório e tipo bibliográfico, fundamentada em autores, por exemplo, Marx e Engels (2012), Tyson (2006), Lessa e Tonet (2011), e muitos outros. Desse modo, os resultados apresentam que o império da Britânia é caracterizado por dominação ideológica e controle total dos meios de produção, enquanto a Área 11 é subjugada pela sua dependência econômica e a exploração e opressão que sofrem dia após dia. As relações de poder evidenciam que o status quo é estabelecido e mantido pela opressão, alienação e ideologia, e a maneira que os elevens resistem a esse domínio é despertando a consciência de classe para buscar a libertação e tomar posse dos meios de produção em posse da Britânia.

Palavras-Chave: Estudos marxistas; Relações de poder; Divisão de classes; Resistência; Code Geass (2006).

ARAÚJO, William Melo “**THOSE WITH POWER... FEAR US! THOSE WITHOUT POWER... FOLLOW US!**”: as relações de poder, divisão de classes e resistência no mundo de Code Geass (2006) 2024. 78 f. Monografia (Graduação em Letras Inglês) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2024.

ABSTRACT

In the establishment of socio-economic hierarchies, the contemporary capitalist world is basically divided into two groups, the rich and the poor, so these social classes fight for their interests, the richest to remain in power, and the workers to achieve equality in the midst of this contradiction. It is therefore essential to investigate how the current narrative addresses Marxist themes, in relation to the anime Code Geass: Lelouch of the Rebellion (2006) by creator Ichirō Ōkouchi and director Gorō Taniguchi. Given this, the power relations between the Empire of Britannia and Area Eleven and its factions reveal an interesting object of investigation, since in the anime, the Empire of Britannia, with its wealth and military power, decimated the Japanese in a massacre, enslaving them and leaving them isolated in what was then known as Area Eleven, which remains in poverty and is raped by the empire's soldiers. As a result, the student Lelouch has a special power called Geass, which he uses to change this relationship of domination and oppression, and embarks on a journey in an attempt to overthrow the empire. According to this opinion, this research seeks to answer the following question: how are power relations established, maintained and confronted in Area Eleven of the anime Code Geass (2006)? To answer this question, we set ourselves the general objective of analyzing how power relations are established, maintained and confronted in Area Eleven of the anime Code Geass (2006). In order to achieve this general objective, the following specific objectives were set: (1) to discuss the theoretical assumptions of Marxist Studies; (2) to characterize the Empire of Britannia as the dominant class and Area 11 as the dominated class, highlighting the aspects that underpin the power relations between them; (3) to identify how power relations are established and maintained by the division of classes by the Empire of Britannia and (4) to understand the ways in which Area 11 confronts the Empire of Britannia through class struggle. In terms of methodology, the research was qualitative, exploratory and bibliographical, based on authors such as Marx e Engels (2012), Tyson (2006), Lessa e Tonet (2011), and many others. The results show that Britannia's empire is characterized by ideological domination and total control of the means of production, while Area 11 is subjugated by its economic dependence and the exploitation and oppression it suffers day after day. The power relations show that the status quo is established and maintained by oppression, alienation and ideology, and the way that the elevens resist this domination is by awakening class consciousness to seek liberation and take possession of the means of production in Britannia's possession.

Keywords: Marxist studies; Power relations; Class division; Resistance; Code Geass (2006).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Lelouch como estudante e como Zero.....	42
Figura 2: Knightmare Frames.....	42
Figura 3: O imperador de Britânia.....	44
Figura 4: A eleven Kallen.....	44
Figura 5: Cornélia massacra elevens da resistência.....	50
Figura 6: Elevens dominados.....	51
Figura 7: O estabelecimento do império.....	54
Figura 8: Elevens são massacrados pelo império.....	57
Figura 9: Kallen conversa com um eleven agredido.....	60
Figura 10: O trem passa no meio dos dois territórios.....	65
Figura 11: Kallen contra-ataca o império.....	66
Figura 12: Aposentos do imperador.....	68
Figura 13: Zero e a Ordem dos Cavaleiros Negros.....	69

SUMÁRIO

1 SE O REI NÃO SE MOVER, SEUS SÚDITOS NÃO IRÃO SEGUÍ-LO	12
2 A PARTIR DOS ESTUDOS MARXISTAS.....	22
2.2 OS ESTUDOS MARXISTAS.....	22
2.3 RELAÇÕES DE PODER, DIVISÃO DE CLASSES E RESISTÊNCIA	25
3 O JOGO DO PODER EM CODE GEASS.....	37
3.1 ANIME COMO PRÁTICA CULTURAL.....	38
3.2 POR TRÁS DE UM MUNDO EM CONFLITO	39
3.3 CODE GEASS: UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA E OS PERSONAGENS.....	41
3.4 A TENSÃO POLARIZADA	45
3.4.1 AS RELAÇÕES DE PODER: O DOMÍNIO IMPERIAL E A SUBMISSÃO DA ÁREA 11	45
3.4.2 FUNDAÇÃO E SUSTENTAÇÃO DO DOMÍNIO: A DIVISÃO DE CLASSES IMPERIAL	53
3.4.3 A ASCENSÃO DOS REBELDES: CONFRONTO E LUTA DE CLASSES	63
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS	76

1 “SE O REI NÃO SE MOVER, SEUS SÚDITOS NÃO IRÃO SEGUÍ-LO”²

Inicialmente, é relevante ressaltar que a sentença utilizada na capa desta pesquisa: “*Those With Power... Fear Us! Those Without Power... Follow Us!*”³ é proferida por Zero (Pseudônimo de Lelouch), protagonista da prática cultural selecionada para esta pesquisa. A escolha deste excerto se caracteriza por ser uma das sentenças mais emblemáticas do personagem principal, após ele revelar e oferecer à população oprimida de Code Geass um novo caminho de mudança ante o sistema desfavorável em que viviam.

Além disso, a frase destacada na epígrafe também é proferida por Lelouch, quando se encontra em um dilema. Primeiro, reconhecendo que há um sistema que seria impossível destronar seguindo as regras do próprio, e segundo, incitando o ouvinte a conceder uma resposta diante da injustiça em que vive: agir fazendo algum “mal” pelo bem maior ou continuar “justo”, mas permanecer sendo oprimido, vendo as pessoas também sofrerem? Em virtude do que foi relatado sobre essas sentenças, podemos apresentar o que me⁴ fez gerar interesse para realização dessa pesquisa.

Concedendo um prelúdio do meu interesse, é importante apresentar, primeiramente, que no anime⁵ Code Geass (2006), Lelouch Lamperouge é um estudante que se encontra em um dilema entre o Sacro Império de Britânia, que domina o mundo da época, e o território japonês subjugado pela guerra desleal entre essas potências, subsistindo em condições precárias e desumanas, passando a ser chamado de Área 11. O estudante Lelouch está no meio desse conflito na tentativa de libertação dos oprimidos das forças militares do império, e por um acaso, ele tem acesso a um poder especial, chamado Geass, que o permite começar um movimento em direção a uma revolução.

O ponto interessante, é que um “simples estudante” com um poder especial, começa a mudar os rumos de toda uma história, começando por sua escola, sua casa, e chegando ao ponto de influenciar uma nação. Dessa mesma maneira, eu me percebo, similarmente, como um “simples estudante” que com um poder especial, ao qual posso chamar de educação e conhecimento, posso buscar transformar o mundo ao meu redor para melhor, ainda que o

² Frase dita por Lelouch no primeiro episódio do anime em referência ao pensamento de que alguém tinha que fazer algo para mudar a situação do status quo.

³ “Aqueles com Poder... Temam-nos! Aqueles sem Poder... Sigam-nos! (Tradução nossa).

⁴ A respeito da subjetividade do conteúdo em relação ao surgimento do interesse, optamos por utilizar a narrativa em primeira pessoa do singular.

⁵ Anime é o nome que se dá às animações japonesas, sobre temáticas diversas, geralmente desenhadas à mão, e produzidas como séries. A maioria dos animes conta com um número extenso de episódios, mas sua duração é bem mais curta: entre 20 e 25 minutos, e são raros os casos nos quais um episódio passa dos trinta minutos. (Garcia, 2022, Online, Tradução nossa).

pequeno mundo seja definido pelo círculo de pessoas ao meu redor a partir da nova influência em seu modo de pensar. E por que não, em alusão a Marx (2012), revolucioná-lo?

Sem esse poder, em Code Geass (2006), a jornada de Lelouch Lamperouge seria muito mais difícil ao enfrentar um domínio de opressão e exploração, e tentar a libertação do povo japonês que perdeu sua identidade depois da guerra. Diante disso, eu me encontrei incapacitado por um grande período da vida pela ausência do conhecimento de como o mundo capitalista vigente funcionava. Embora não entendesse, ou não pudesse enxergar, que em muitos setores da sociedade, havia uma relação de opressão entre um exercendo poder dominador e coercitivo sobre outro, um ganha tudo, e outros não ganham quase nada. Com essas contradições da nossa sociedade, presenciei, desde pequeno, desigualdades que não sabia explicar, e isso tudo, muito tempo depois, seria destrinchado pelos Estudos Marxistas.

Assim como Marx iniciou seus estudos pela observação da comunidade de sua época e seus estudos acadêmicos (Siqueira e Pereira, 2019), quando criança, ao brincar com meus colegas, notava que um menino do grupo tinha brinquedos mais legais e mais caros do que todos os outros. Enquanto eu tinha que me humilhar para pedir para brincar com o brinquedo dele, quando ele não cedia, me contentava em brincar com latas e coisas do lixo que revirava no quintal de uma casa vizinha com meu irmão. Não entendia o motivo de todos os colegas não poderem usufruir daquele prazer, mas sim apenas um garoto.

Enquanto crescia um pouco mais, minhas dúvidas também ficaram maiores, até que em um dia perguntei ao meu pai adentrando em um supermercado de quem eram aquele “montão” de coisas e comidas deliciosas. Meu pai respondeu de imediato que tudo aquilo era do dono. Não me conformando, supus então que as pessoas que trabalhavam ali eram também muito ricas e compartilhavam juntas de todos aqueles bens, pois meu pai havia dito que exerciam serviços ali o dia todo. No entanto, para minha surpresa, ele disse que ganhavam muito pouco, e provavelmente o chefe ficava com todo o lucro. Na minha cabeça, aquilo não se encaixava, como as pessoas que trabalham no supermercado o dia todo, ganham quase nada, enquanto apenas uma, em menor tempo de serviço, fica com quase tudo? Parecia simplesmente injusto para mim na época.

O tempo passou, e quanto mais eu crescia, mais percebia uma certa desigualdade entre as pessoas, que quase em todas as situações, era devido ao poder econômico de cada uma. Quando partia para a escola na minha bicicleta meio enferrujada, no sol escaldante, notava que chegava suado e cansado por ter que sair às 13:00 horas para estar às 13:30 em ponto na sala de aula. O que me fazia refletir era que alguns alunos chegavam de carro, secos e dispostos, enquanto eu já estava exausto para a aula. Em outras reflexões, cheguei à conclusão de que o

poder aquisitivo de comprar um carro, não estava acessível para todos, mas em mãos de uma pequena parcela de pessoas, enquanto outras sofriam por sua condição monetária.

Assim, da mesma forma que Lelouch ingressou em sua jornada como um estudante em meio aos conflitos no mundo de *Code Geass* (2006), entrei no Curso de Letras - Inglês (2019.2) na Universidade Estadual do Piauí – UESPI. O despertar do interesse sobre os estudos marxistas, surgiu a priori, quando cheguei no quarto bloco do curso, mais especificamente, na disciplina de *Crítica Literária* (2022.1). Nesta disciplina, pude conhecer profundamente as teorias da crítica literária, e em especial a crítica literária marxista, mudando totalmente meu modo de ver o mundo, e me dando base para desenvolver um olhar crítico sobre a sociedade.

A disciplina ministrada pela professora doutora Renata Cristina da Cunha, me trouxe inúmeros questionamentos sobre as facetas da sociedade que geralmente não pensamos com cuidado. No período do quarto bloco para um trabalho, grupos foram formados para apresentarem cada temática da disciplina, e pelo viés marxista, desenvolvi um gosto especial, por parecer que todas aquelas dúvidas que surgiram ao longo da minha trajetória, estavam começando a tomar direção para um esclarecimento, já que os estudos marxistas nos proporcionam um jeito de compreender a história que estamos inseridos e nossos dias atuais (Tyson, 2006). Devido a isso, me empolguei com a temática, e fiquei entusiasmado por saber que poderia escrever um artigo acadêmico por meio dos estudos marxistas, o que me conduziu a uma submersão nos conceitos de Marx, além de poder relacioná-los com produções que eu apreciava, como, por exemplo, séries de televisão, filmes e animes.

Conforme os estudos avançavam, entrei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – (PIBIC – CNpq/2022-2023), que me proporcionou pesquisar de maneira mais profunda as teorias marxistas, pois fiquei responsável pela pesquisa da série *O Expresso do Amanhã* (2020) da Netflix, pela perspectiva supracitada, podendo analisar as divisões de classes e a maneira como eram estabelecidas na série, sendo sugestão de minha orientadora neste programa, Professora Doutora Renata Cristina da Cunha.

Além disso, tive a segunda oportunidade de realizar mais uma pesquisa de PIBIC (CNpq/2023-2024), sobre o filme de animação *A Bug's Life* (1998), mais conhecido em português como *Vida de Inseto*, realizada pelas fundamentações dos princípios marxistas. Antes disso, o artigo para a nota final da disciplina de Crítica Literária foi sobre o mesmo filme, sendo a motivação para levar esta produção para minha análise nesta segunda pesquisa do PIBIC. Por intermédio desse aprofundamento em duas pesquisas, somado ao fato de ter gostado de forma exponencial da temática, o marxismo prendeu minha atenção e gerou um interesse pessoal como base fundamental para escrita da monografia.

Desde criança, assistia desenhos na televisão dos mais variados disponibilizados em canais abertos. Era um passatempo, e acredito que muitos deles formaram meus pensamentos como uma base de princípios e valores. Na época eu não sabia diferenciar quais desenhos vinham da cultura americana, ou japonesa, tudo para mim era só desenho animado. Conforme eu crescia, pude perceber as diferenciações, e na universidade isso se intensificou ainda mais. Um tempo antes da pandemia, procurei por um anime que fosse diferente de tudo o que já tinha visto antes, e encontrei *Code Geass* (2006), um anime diferente, de gênero *Mecha*⁶, algo que até então nunca tinha me interessado, mas que me eletrizou do início ao fim, pela história empolgante das divisões de classes me fascinar e pela identificação com o personagem principal.

Consequentemente, descobri na universidade que poderia analisar uma prática cultural, como um anime, criticamente, e dessa forma também contribuir para a academia de pesquisa de maneira semelhante a que se interpreta por literatura escrita (Eagleton, 2006). Nesse contexto, tenho certeza de que minhas experiências desde pequeno, juntamente ao acesso aos conteúdos televisivos, despertaram meu interesse pelos estudos marxistas, especialmente, em relação a esse anime que me marcou significativamente. À vista disso, a busca por realizar uma pesquisa sobre essa teoria em relação a *Code Geass* (2006), me empolgaram, podendo ter a oportunidade de unir uma produção de análise que gosto, com os estudos marxistas, que foi responsável por abrir meus olhos para os conflitos socioeconômicos em que estamos inseridos no mundo contemporâneo.

Diante disso, é importante ressaltar que realizamos uma investigação para atentarmos aos antecedentes de pesquisa, para ficarmos a par do que já existia sobre esse tema em estudos de outros pesquisadores. Com esse propósito, fizemos uma busca por meio do Google Acadêmico sobre artigos, teses e dissertações que relacionassem os estudos marxistas com o anime *Code Geass* (2006), utilizando palavras-chave como “*Code Geass*” e “Marxismo” para aprofundar nossa pesquisa. Além disso, datas antigas não foram desconsideradas, pois gostaríamos de investigar a maior gama possível de trabalhos que podiam ser significativos para nosso tema, visto que sua existência já é limitada.

Ao realizarmos essa investigação, não achamos nenhum dos materiais supracitados em relação ao anime *Code Geass* (2006) correlacionados aos estudos marxistas, conforme os

⁶ Origem de palavra inglesa “mechanism” (mecanismo) e significa robô gigante, podendo ou não ser controlado por uma pessoa. *Mecha* (leia-se: méka) também é um gênero literário, que trata de histórias com robôs, geralmente gigantes. O conceito de *mecha* está relacionado ao de exoesqueletos, na ficção científica, que seriam estruturas vestidas por uma pessoa, capazes de ampliar suas forças e movimentos. A diferença é que um exoesqueleto é “vestido” pelo piloto, enquanto um *Mecha* é pilotado por controles ou mentalmente (Fonte em Referências).

pressupostos da nossa pesquisa. Porém, selecionamos artigos que, de certa forma, fizeram uma análise sobre o anime em questão, que possibilitou certa ajuda a entender melhor essa prática cultural escolhida. Por mais que não tenhamos encontrado nenhum material que se assemelhasse muito próximo à nossa linha de pesquisa, ressaltamos que isso pode ser uma grande oportunidade para expandirmos o estudo tanto por essa prática cultural, quanto pelos estudos marxistas associadas a ela, contribuindo assim para a academia.

Primeiramente, uma monografia intitulada “Explorando Code Geass: Imperialismo, Nacionalismo E Ensino De História” de Maycon Iury Araújo Andrade (2023), foi encontrada pelo nome do anime. O trabalho problematiza o imperialismo e os sentimentos nacionalistas como ferramenta política por meio de opressões e violências dentro do mundo do anime. Esses conceitos são interessantes para nossa pesquisa, pois de alguma forma utilizaremos, mas com a perspectiva dos estudos marxistas.

Após isso, achamos um artigo de Michael Janshen, Diana Puspitasari e Yudi Suryadi (2023), que tem por título: “Western Power Relations Against the East in the Code Geass Anime Series⁷”. O artigo relata a identificação das quatro relações de poder do Ocidente sobre o Oriente no anime, pelos estudos pós-coloniais. Ele comenta que esses poderes são políticos, intelectual, forças culturais e morais. Conclui dizendo que o poder político seria o mais importante. De algum modo, esse artigo pode nos ajudar, pois nos estudos marxistas as relações de poder também são relevantes para entender a dinâmica econômica.

Depois disso, encontramos o trabalho de graduação intitulado: “Análisis De La Oposición Ideológica Entre Lelouch Vi Britannia Y Suzaku Kururugi En El Anime Code Geass: Lelouch Of The Rebellion Mediante El Modelo Actancial De Greimas” de Nicole Soto Rodríguez (2021), da Guatemala. Nele, a autora analisa a oposição ideológica dos dois personagens principais, Lelouch e Suzaku, a partir do utilitarismo de Mill e do deontologismo kantiano. O trabalho trata do tema ideológico, que faz relação à nossa pesquisa, porém diverge por não aprofundar na temática marxista. Além de apresentar que juntos podem modificar o mundo, mesmo tendo ideologias opostas, o que não foi relevante para este trabalho.

Depois da busca, esses três se mostraram mais próximos ao nosso tema, e os outros achados divergiram bastante do nosso foco, por isso não mencionamos. Após relatar esses trabalhos que já utilizavam esta prática cultural, e considerando o explicado, reiteramos que esta pesquisa está inserida na categoria dos estudos marxistas. Com isso em mente, é valido ressaltar que esse estudo é capaz de fornecer ferramentas para interpretação das produções

⁷ Relações de poder do Ocidente contra o Oriente na série de anime Code Geass (Tradução nossa).

culturais, em geral, abstraindo seus significados mais complexos, suas formas, perante milhares de obras artísticas, e por fim, sua beleza. (Tyson, 2006). As produções japonesas televisivas, mais conhecidas como animes, são passíveis de uma meticulosa análise, visto que expressam muitos significados propícios a serem investigados por esta área de estudo.

Dessa maneira, para desvendar os sentidos por trás das práticas culturais, com foco nas relações de poder, e entender como atuam as estruturas socioeconômicas entre duas classes sociais antagônicas, podemos utilizar os estudos marxistas, que utiliza os princípios do marxismo. O marxismo, fundado por Marx e Engels em meados do século XIX, desenvolveu sua dialética no meio do período imperialista capitalista efervescente. Podemos por intermédio desse estudo, direcionar nosso olhar para os problemas advindos das contradições da sociedade capitalista, que separa ainda mais as pessoas, já que o marxismo fundamenta seus conceitos em bases sociais, econômicas, políticas e culturais (Siqueira; Pereira, 2019).

Além disso, os estudos marxistas nos ajudam a focalizar nos problemas sociais humanos, em assuntos pertinentes a nosso mundo atual, como desigualdade de renda, e exploração dos trabalhadores. As empresas e grandes indústrias são denunciadas a todo momento por exigir trabalho em uma grande demanda da população visando o lucro excessivo que movimenta a economia do País. E assim, na convocação de pessoas, escolhem manipulá-las com a esperança de que estão investindo em um futuro melhor, porém, oferecem um salário baixíssimo que ao invés de prover qualidade de vida, mal amparam a subsistência destes. Diante disto, exploramos quais conceitos dessa área de estudo foram indispensáveis para utilizarmos em nossa pesquisa.

Quando as sociedades antigas passaram a escravizar pessoas para bem próprio, o sistema capitalista começou a germinar, assim, o domínio opressor de homens sobre homens propiciou formar as divisões de classes (Lessa; Tonet, 2011). Diante disso, as definições de classes sociais passaram a ser bem caracterizadas: uma formada por exploradores, que utilizam dos meios necessários para se manter em sua posição de dominância, e do outro lado, a classe explorada, sofrendo todos os infortúnios por ter sua condição econômica esfacelada, bem como violência, privação de direitos e comida. Assim, o marxismo procura destituir a sociedade dividida em classes que gera estas formas de exploração (Siqueira; Pereira, 2019).

Nessa esteira, sabemos que as produções culturais e artísticas expressam o âmago da sociedade de maneira subjetiva. Podemos retirar dessa subjetividade e investigar, por exemplo, os conceitos de relações de poder, divisão e luta de classes no mundo fictício dos animes japoneses, em especial, na sociedade futurística de Code Geass (2006). Nessa linha de pensamento, escolhemos o anime Code Geass: Lelouch of the Rebellion (2006), como prática

cultural desta pesquisa. Escrito por Ichirō Ōkouchi, e dirigido por Gorō Taniguchi, *Code Geass* retrata uma guerra em que o Sacro Império de Britânia destruiu as forças de defesa do Japão com sua tecnologia e armamentos robóticos, chamados Knightmare Frames. O Japão perdeu os direitos e liberdade, tendo o nome mudado para Área 11, e a população passou a ser chamada de Elevens, forçados a viver em lugares pobres, categorizados como Guetos. Enquanto os Britannians, ocupavam os locais de primeira classe. Os resistentes a esse domínio fracassaram ao tentar formar grupos dispersos para lutar contra o império e acabar com a exploração.

Como consequência disso, Lelouch Lamperouge é vendido para o Japão quando criança, quando o império de Britânia invadiu o Japão em uma guerra no dia 10 de agosto de 2010 a.t.b.⁸. 7 anos depois da guerra, surpreendentemente, Lelouch em uma fuga acidental ganha um poder misterioso chamado Geass, que permite controlar uma pessoa apenas uma vez. Por essa razão, notando as diferenças entre o Império e a Área 11, o estudante, agora revestido com esse poder, resolve lutar pela libertação dos oprimidos, e almeja a destruição de Britânia.

Diante do que foi exposto, esta pesquisa buscou responder a seguinte questão: como são estabelecidas, mantidas e confrontadas as relações de poder na Área 11 do anime *Code Geass* (2006)? Para responder esta pergunta, estabelecemos como objetivo geral: analisar como são estabelecidas, mantidas e confrontadas as relações de poder na Área 11 do anime *Code Geass* (2006). A fim de atingir este objetivo geral, foram estipulados como objetivos específicos: (1) discutir os pressupostos teóricos dos estudos marxistas; (2) caracterizar o Império da Britânia como classe dominante e a Área 11 como classe dominada, evidenciando os aspectos que fundamentam as relações de poder entre elas; (3) identificar como as relações de poder são estabelecidas e mantidas pela divisão de classes por parte do Império da Britânia e (4) compreender as formas que a Área 11 confronta o Império da Britânia por meio da luta de classes.

Para o desenvolvimento da pesquisa em questão, focamos nos aspectos subjetivos de interpretação, ou seja, a abordagem quantitativa não estará em evidência. Escolhemos a pesquisa com abordagem qualitativa, já que adentramos em uma investigação que procura o significado subjetivo dos questionamentos. Essa escolha, entra em consonância com o que Minayo (2001) ressalta, pois, a pesquisa com abordagem qualitativa requer um aparato de análise que não é quantificado com números, mas analisa sentidos, intenções, ideologias, valores, e não pode ser calculado em fórmulas exatas.

⁸ Sigla da data fictícia dentro do anime: *Ascension Throne Britannia*, em português “Ascensão do Trono de Britânia” (Tradução nossa).

Prosseguindo, em relação ao cunho, optamos pelo exploratório, que tem particularidades que visam intelijir pensamentos, buscar um conhecimento amplo sobre o tema, e investigar um efeito ou fenômeno pouco explorado até então, além de fornecer dados ideais que darão fundamentação para a análise em questão (Gonsalves, 2003). Por outro lado, embora existam três principais modalidades básicas de pesquisa, de campo, experimental, utilizaremos a terceira, a pesquisa bibliográfica. Ressaltamos, que a pesquisa bibliográfica, é composta especialmente pela busca de conhecimento e base teórica que está estritamente em documentos bibliográficos, ou seja, na maioria dos livros, seja impresso, ou por plataformas digitais (Acízelo, 2016).

Para iniciarmos, fizemos uma revisão de literatura a respeito de autores de grande renome dos estudos marxistas, fundamentada principalmente em Marx (2013), Tyson (2006), Eagleton (2012) e outros. Ademais, traçamos uma linha histórica sobre o marxismo fundado por Karl Marx e Frederich Engels, para entendermos sua gênese, assim, atentando para os conceitos fundamentais que buscaram responder o problema desta pesquisa. Além disso, dado o caráter exploratório, aprofundamos os estudos sobre os conceitos que visaram formar base para análise, por exemplo, os conceitos de relações de poder, divisão de classes, resistência, bem como outros conceitos secundários que se fizeram relevantes no percurso para complementar a discussão, por meio dos estudos de Marx e Engels (2012), Lessa e Tonet (2011), Siqueira e Pereira (2019), entre outros.

Para manter uma coerência na pesquisa, ressaltamos aqui, os critérios de inclusão e exclusão no procedimento de escolha em organizar os livros da pesquisa: baseamos as pesquisas em livros, artigos, dissertações e teses, que estiveram em concordância com o tema desta pesquisa, com foco nos autores canônicos, e em pesquisas atuais dos autores que continuaram colaborando para este tópico de formação do conhecimento. Entretanto, as produções que destoaram, do assunto abordado até aqui, foram descartadas, visando manter a coerência supracitada e o foco da pesquisa. Para estes critérios de inclusão, permanecemos com os escritos que se assemelham à nossa linha de pesquisa e interpretação, mas atentando para os que puderam divergir, a fim de considerar se os conceitos puderam ajudar a complementar os resultados da pesquisa.

É importante ressaltar que nossa pesquisa foi embasada sobre um viés interpretativista, que segundo Merriam (2009), é um tipo de investigação qualitativa que explica que a realidade do que é interpretado tem múltiplos significados, considerando a visão do indivíduo e seus preceitos culturais. Complementamos, que nossa seleção da prática cultural desta pesquisa está

em concordância com o propósito de analisar as relações de poder entre o Império de Britânia e a Área 11.

Nesse sentido, em âmbito social, esta pesquisa buscou contribuir desenvolvendo discussões que possam ser bases primárias da nossa educação, pois diante do que foi exposto, os estudos marxistas estão em todos as camadas sociais, esperando pesquisadores para compartilhar e mostrar para as pessoas a importância de ter uma consciência crítica. Se desde cedo pudermos gerar um pensamento crítico ao sistema que nos rodeia, podemos traçar metas para acabar com a exploração de vidas, que muitas vezes inconscientemente, estão presas a um ciclo que perdura desde gerações antigas. Em outras palavras, o domínio autoritário de pessoas poderá ser abertamente condenável e (aqui com muita esperança pondero) finalizado quando o conhecimento por meio dos estudos marxistas chegar a essas pessoas, que possuem muitas vezes acesso ao que se assemelha a um simples anime. Entretanto, apenas carecem de um olhar mais profundo para interpretar aquele meio de crítica.

Em âmbito acadêmico, propomos que a pesquisa discutida, possa incentivar novas investigações nos estudos marxistas, trazendo uma consciência para todos os estudantes e trabalhadores a fim de se libertarem de qualquer meio de opressão e exploração que estejam vivendo. Além disso, possuímos a expectativa de que as fundamentações teóricas possam ajudar os graduandos dos mais variados cursos de graduação, em especial aos graduandos do curso de Letras - Inglês, a guiar ou até mesmo embasar futuras e aprofundadas investigações nessa mesma área.

Em uma investigação ao banco de dados de monografias⁹ dos estudantes do curso de Licenciatura em Letras Inglês do Campus Alexandre Alves de Oliveira (Parnaíba – PI), percebemos que não há um trabalho com a perspectiva dos estudos marxistas. Desse modo, motivamos um olhar especial por esse estudo, pois quanto mais for aprofundado e disseminado, mais grilhões que prendem o conhecimento serão quebrados, parafraseando Marx (2012). Fornecemos, assim, conteúdo e ferramentas para inspirar novas pesquisas de qualquer prática cultural. Diante do que apresentamos, é importante enfatizarmos que tratando de pesquisas de PIBIC, o graduado Vitor Hugo Sousa Oliveira concluiu sua investigação intitulada: "POR ORDEM DOS PEAKY BLINDERS": as relações de poder na série à luz da Corrente Marxista, contribuindo com essa temática para a academia e servindo de inspiração adicional para este trabalho.

⁹ Link do acervo de monografias. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/mobile/folders/1e38lfcc_mAAIMKrVTMmHLOZZVfBmfeee> Acesso em: 08.11.2023

Em âmbito pessoal, antevemos que a pesquisa possa desenvolver de modo holístico tanto o lado docente e discente quanto o lado pesquisador que habita em mim. Como estudante inconformado com a ignorância, esta pesquisa contribuiu para mais base teórica sobre os escritos de Marx, e dos autores que se dispuseram a compreender os estudos marxistas, além de fomentar mais conhecimento pessoal para futuras investigações. E como professor, me apporto no desafio de despertar o olhar crítico em meus futuros alunos.

2 A PARTIR DOS ESTUDOS MARXISTAS...

Nessa seção, apresentamos as fundamentações que norteiam as discussões sobre a revisão de literatura. Nos aprofundamos na discussão de conceitos pertencentes aos estudos marxistas por meio de autores como Marx e Engels (2012), Lessa e Tonet (2011), Eagleton (2012) e outros, apresentando os conceitos de relações de poder, divisão de classes e resistência e os conceitos secundários que estão vinculados aos principais.

2.2 Os estudos marxistas¹⁰

Inicialmente, para analisar uma sociedade e suas relações de poder, é necessário que investiguemos o que entendemos como marxismo. Fundamentalmente, o marxismo é uma corrente de pensamento que visa entender melhor a nossa sociedade por meio de um olhar principalmente econômico. Baseado nos ideais de Karl Marx e Friedrich Engels, que fundaram do materialismo histórico e dialético, o marxismo aborda de que maneira as estruturas econômicas dominam e controlam as superestruturas, ou seja, a política, a cultura e as formas de ideologia. Uma ideia importante é que as condições materiais de produção catalisam os conflitos entre as classes sociais, gerando assim uma luta de classes (Lessa; Tonet, 2011).

À vista disso, iniciando com Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), o marxismo produziu suas bases filosóficas, sociológicas, políticas e culturais, influenciando toda a Europa até então (Siqueira e Pereira, 2019). O Marxismo nasceu no século XIX, se espalhou pela Europa despertando a classe trabalhadora e os sindicatos com o objetivo de discernirem a situação opressiva que viviam, na tentativa de despertar aqueles que estavam presos em fábricas, sendo explorados com a ilusória promessa de um futuro melhor.

Quando esse movimento surgiu, a burguesia já tinha conquistado o poder por meio de suas revoluções anteriores, tanto a inglesa, quanto a francesa (Siqueira; Pereira, 2019). Por consequência disso, o capitalismo trazia consigo, conforme se proliferava como o “sonho” de oportunidade, devastadoras contradições sociais, péssimas condições de trabalho, bem como desentendimentos econômicos e políticos. Em contrapartida, as ideias marxistas se espalhavam pelos jornais entre a população, unindo os trabalhadores por onde eram disseminadas (Marx; Engels, 2018). Assim, o comunismo crescia sendo reconhecido pela Europa inteira, e começava

¹⁰ Optamos por utilizar o termo “estudos marxistas”, pois abrange de maneira ampla os conceitos e abordagens que orientaram esta pesquisa, sem restringir a análise somente à literatura escrita, bem como visaram evitar conflitos teóricos em que animes não estão incluídos no campo literário, permitindo uma abordagem flexível e inclusiva no tratamento do tema.

a se tornar um potencial plano a ser seguido e alcançado, passando a ser visto como um confronto direto contra as potências capitalistas da época.

De acordo com Jameson (1985) o marxismo é, essencialmente, uma teoria do interesse coletivo ou de classe que busca sacrificar seu interesse pessoal em nome de uma causa ou ideal maior. Esses estudos derivam de uma base coletiva, como um mecanismo de defesa do grupo com o qual o indivíduo se identifica. Em sua essência, o marxismo é fundamentado em uma busca por um interesse coletivo, que surgiu a partir do desenvolvimento de um sistema específico. Estendendo a discussão sobre esse sistema específico, Mandel (2001, p. 9) descreve que o marxismo é um “produto do surgimento do modo de produção capitalista [...] a partir dos séculos XV e XVI em algumas regiões da Europa ocidental [...], base sobre a qual emerge uma sociedade burguesa que domina progressivamente a vida social em todas as esferas da atividade humana”. Por isso, a coletividade emerge como um confronto ao capitalismo, já que ele estimula a criação da divisão da sociedade em classes.

Essas classes sociais são classificadas pela forma com que apresentam suas dinâmicas de posse com os meios de produção. Com relação a isso, a visão de Siqueira e Pereira, (2019, p. 62) é de que o “marxismo é, produto desse processo de transformação do proletariado de classe em si a classe para si: de classe desorganizada e inconsciente dos seus interesses essenciais e históricos a classe organizada e cada vez mais consciente dos seus projetos e reivindicações”. Por esse motivo, a sociedade capitalista deseja manter a classe trabalhadora desorganizada para gerar meios de explorá-la. Diante disso, o marxismo reconhece que o capitalismo é o sistema que propicia a exploração da classe operária.

No mundo contemporâneo, a sociedade burguesa organizou formas de perpetuar o capitalismo até hoje, mais precisamente, buscou permanecer explorando trabalhadores em prol de regalias apenas para um grupo social. Em contraste a isso, o marxismo então, concede poder ao proletariado, para acabar com as mazelas da exploração. Segundo Siqueira e Pereira (2019), no marxismo, a maneira que o processo de constituição do proletariado como classe social opera, visa que o fruto do trabalho próprio permaneça com os trabalhadores.

Nesse ínterim, a única forma de destituir a divisão social, é a tomada do poder da mão dos burgueses, e da propriedade privada que mantém a posse dos meios de produção. Para isso o marxismo procura unificar as classes sociais por meio de uma revolução dos trabalhadores, almejando um único Estado que trabalhe para ajudar o povo, e não o encarcerar em uma jornada de trabalho angustiante e exaustiva, para no fim o salário não oferecer um mínimo de dignidade (Marx, 2012).

Em continuidade ao exposto, a partir desse balançar de estruturas causado pelo marxismo, surge os materiais que possuímos hoje referentes aos estudos marxistas. No que concerne a este, Tyson (2006) ratifica a ênfase nas relações entre classes socioeconômicas, explicando que todas as atividades da população advêm do âmbito da distribuição e dinâmica do poder econômico. Portanto, nas palavras da autora, “economics is the base on which the superstructure of social/political/ ideological realities is built”¹¹ (Tyson, 2006, p. 53-54).

Ademais, os estudos marxistas buscam analisar a sociedade por meio dessas duas classes sociais, assim como fornecer conhecimento para a implantação de um sistema aperfeiçoado. Diante disso, o propósito dos estudos marxistas para Tyson (2006), é distinguir as ideologias em cada prática cultural, por exemplo, literatura, filmes, pinturas, e formas de entretenimento, além de analisar como tais ideologias sustentam ou arruinam o sistema socioeconômico em que cada obra desempenha uma função significativa.

Considerando essas premissas, os estudos marxistas nos permitem desenvolver o olhar crítico para que compreendamos a arte como uma forma de produção social, assim, estas produções atuam como peças que determinam a natureza da arte que compõe aquela sociedade, como afirma Eagleton (2012). Por meio da visão de Marx, o marxismo iniciou tecendo comentários sobre os fenômenos sociais da época, rompendo com o sistema vigente que obrigava todos a pensar da mesma forma, por isso, atualmente, podemos utilizar os fundamentos deles para compreender as relações socioeconômicas por meio da arte que é apresentada, já que ela visa imitar os setores das comunidades e suas ideologias. Ainda, esse estudo fundamenta seus conceitos nas teorias socialistas, sendo apontadora das obras literárias que evidenciam os sistemas das instituições sociais em que foram criadas, como corrobora Eagleton (2008).

De acordo com Silva (2013), o propósito dos estudos marxistas é fomentar e motivar o olhar crítico, perguntas e questionamentos, para obter um ambiente propício para uma resposta satisfatória. Devido a isso, os estudos marxistas oferecem um potencial significativo para análise de elementos que desafiam o status quo, rejeitando a ideia do acúmulo de poder nas mãos de poucos. Podemos ponderar então que obras investigadas pelos estudos marxistas, visam alertar e a partir disso exponenciar a capacidade de pensamento crítico do público apreciador, levando ao desenvolvimento de uma consciência crítica e de classe.

Perante o que Eagleton (2012) afirma, a arte, pela perspectiva de Engels, é a mais conectada dentre as produções sociais na relação com a base econômica de uma sociedade. Por

¹¹ “a economia é a base sobre a qual se constrói a superestrutura das realidades sociais/políticas/ideológicas” (Tyson, 2006, p. 53-54, tradução nossa).

isso, percebemos nas produções culturais humanas a temática marxista constantemente presente, ainda que não majoritariamente explícita, abordando os conceitos catalisadores para que o escopo para associação de ideias e criatividade aconteça. Por esse motivo, na próxima seção, apresentaremos esses conceitos que objetivam uma análise mais profunda das práticas culturais, e em especial a selecionada para este trabalho.

2.3 Relações de Poder, Divisão de Classes e Resistência

Nesta seção exploraremos os conceitos teóricos que sustentam a nossa análise pelos estudos marxistas, dentro das dinâmicas das relações de poder. Para isso, começaremos explicando sobre as classes sociais, seguindo um caminho lógico dos conceitos que se complementam, como por exemplo, burguesia, proletariado e etc. Oferecemos uma base para as discussões, notando posteriormente como esses conceitos se manifestarão na prática cultural escolhida.

No tocante a classes sociais, este conceito apareceu quando Marx e Engels se propuseram a tecer uma análise diante de observações da sociedade moderna. Os teóricos alemães acreditaram nisso conforme os proletários ganhavam força e se mostravam como um novo movimento político. Diante disso, o conceito de classe social explicado pelo desenvolvimento da sociedade burguesa foi estabelecido, assim, Lenin (1979, p. 9) define classe social:

Chama-se classes a grandes grupos de pessoas que se diferenciam entre si pelo seu lugar num sistema de produção social historicamente determinado, pela sua relação (as mais das vezes fixada e formulada nas leis) com os meios de produção, pelo seu papel na organização social do trabalho e, consequentemente, pelo modo de obtenção e pelas dimensões da parte da riqueza social de que dispõem. As classes são grupos de pessoas, um dos quais pode apropriar-se do trabalho do outro graças ao facto de ocupar um lugar diferente num regime determinado de economia social.

À vista desse pensamento, entendemos que as classes sociais são categorizadas de acordo com a posição que ocupam em um determinado sistema econômico. Podemos compreender com base no que o autor expressa, que em uma sociedade capitalista, quem controla os meios de produção, é a classe dominante, e a dominada vende sua força de trabalho. De acordo com Lenin (1979), podemos inferir que cada classe social tem seu papel dentro da dinâmica econômica, a burguesia organiza, faz as regras e toma posse do lucro, enquanto o proletariado, realiza o trabalho, multiplicando o valor gerado, mas em contrapartida, recebe apenas uma fração de salário. Com o panorama desse conceito pela perspectiva de Lenin, para

aprofundar essa reflexão, é importante ressaltar como Marx conceitua classe social, expandindo o conhecimento sobre como isso fomenta temas de exploração no sistema capitalista.

Na visão de Marx (2011), classe social é uma definição essencial para entender os vínculos entre as relações de produção em um sistema que prioriza o capital. As classes sociais têm relação direta com os meios de produção, que são as ferramentas pelas quais são utilizadas para produzir serviço, utensílios e tecnologia. A partir disso, Marx (2011, p. 142) define o seu fundamento sobre classe social: “milhões de famílias existindo sob as mesmas condições econômicas que separam o seu modo de vida, os seus interesses e a sua cultura do modo de vida, dos interesses e da cultura das demais classes, contrapondo-se a elas como inimigas, formam uma classe”. Considerando o exposto, entendemos que uma classe social é formada por um grupo que compartilha situação econômica similar, influenciando seu estilo de vida, sua perspectiva sobre o mundo e seus próprios interesses. Logo, essas características diferenciam as classes sociais, manifestando diferentes interesses dentre as outras, possibilitando o surgimento de conflitos.

À luz dessa reflexão, temos a necessidade de saber diferenciar o que não é categorizado como classe social. Seguindo esse pensamento, Marx (2011, p. 142) defende que, “na medida em que existe um vínculo apenas local entre os parceleiros, na medida em que a identidade dos seus interesses não gera entre eles nenhum fator comum, nenhuma união nacional e nenhuma organização política, eles não constituem classe nenhuma”. Ampliando a explicação, um grupo social não é considerado classe social a menos que seus integrantes compartilhem situação econômica e interesses parecidos. Portanto, o fator determinante é que exista uma conexão real, que se manifeste em organização política, coletividade em nível abrangente e medidas em conjunto que apresentem interesses em comum. Em suma, sem atuação coletiva e em união, o grupo social se torna esfacelado, não podendo ser categorizado como uma classe social de acordo com a visão de Marx (2011), mesmo que a situação econômica possa ser parecida.

Nesse sentido, como vimos, a propriedade dos meios de produção é relevante para o aspecto de conceituar classe social, pois define a relação econômica entre as classes. Por consequência disso, Marx (2002, p. 79) afirma que “toda a sociedade tem de decompor-se nas duas classes dos proprietários e dos trabalhadores sem propriedade”. Como resultado, a propriedade desses meios de produção delimita as estruturas das relações de poder nessa sociedade capitalista, sendo o fator que propicia a formação das classes sociais.

Considerando o exposto, as classes sociais são o resultado direto das mudanças que ocorreram entre o sistema de produção e o acúmulo de capital, o que promoveu a existência de

dois grupos distintos. Sobre essa conexão entre as classes sociais e apropriação de riquezas, Marx (1985, p. 90) explica que:

as condições econômicas transformaram, em primeiro lugar, a massa do povo em trabalhadores. A dominação do capital sobre os trabalhadores criou a situação comum e os interesses comuns dessa classe. Assim, essa massa já é uma classe em relação ao capital, mas não ainda uma classe para si mesma. Na luta, da qual indicamos apenas algumas fases, essa massa se une e forma uma classe para si. Os interesses que ela defende tornam-se interesses de classe.

Em alinhamento com o descrito, cada classe social pode ser nomeada em dois grupos diferentes. Dentro desse contexto, em se tratando das classes sociais, elas se dividem em duas, a do dominador e a do dominado. Primeiramente, a classe dominante, é classificada como burguesia. Nos termos de Marx (2012, p. 63) a burguesia é “a classe dos capitalistas, proprietários dos meios de produção e exploradores do trabalho assalariado”. Em consonância com o apresentado, a burguesia detém os meios de produção, por exemplo, recursos, terras e fábricas. Desse modo, a burguesia tanto controla a economia, quanto obtém lucro e riqueza por meio da exploração da classe oposta.

No tocante a classe social oposta a burguesia, podemos chamá-la de classe dominada ou proletariado. Segundo a argumentação de Marx (2012, p. 63), proletariado é “classe dos trabalhadores assalariados modernos, despossuídos de meios de produção próprios, precisam vender sua força de trabalho para poder viver”. Diante disso, o proletariado é a classe social que contém esses trabalhadores desprovidos dos meios de produção, bem como eles precisam vender sua força de trabalho em prol da sobrevivência. Complementando essa explicação, a única maneira que o proletariado consegue uma renda, é por intermédio do trabalho assalariado (Marx, 2013). Sobre essa renda recebida, o proletariado recebe apenas uma pequena parcela sobre o que produz, enquanto a burguesia se apropria da maior parte. Assim, essa formação em classes é formada pelas circunstâncias supracitadas, o que enquadra grupos de pessoas que estão em mesma situação, uns, situação favorável e outros desfavoráveis economicamente.

De acordo com a explicação apresentada, percebemos que o desenvolvimento do capitalismo como sistema, fomentou a criação das classes sociais apresentadas. De acordo com Engels (2012, p. 63), “os primeiros proletários surgiram com a indústria, foram seu produto imediato”. Conforme o exposto, as classes sociais são produtos gerados do desenvolvimento histórico, e a classe proletária nasceu justamente por conta da propriedade privada, por exemplo, indústrias, que eram dominadas pela classe burguesa.

Corroborando com esse pensamento, Marx (2005) afirma que o proletariado se constituiu com uma classe social, como um produto ou resultado do movimento industrial capitalista. Em consonância com o que foi explanado, a relação entre as classes sociais é caracterizada por conflitos. A burguesia entra em confronto com o proletariado por meio do conflito de interesses, em que a classe dominante quer controlar todos os aspectos econômicos da sociedade, enquanto a classe dominada após tomar consciência, pode resistir e lutar por mudanças.

Para Marx (2012), as relações de poder são vistas como um jogo de dominação política. Essa dominação política cresceu desde o desenvolvimento do sistema capitalista, gerando uma luta de classes entre proletários e burgueses. O pensador alemão percebeu que essas relações de poder vão além do espectro essencialmente político, e podem ser analisadas diante de uma relação de dominância econômica. Depois das revoluções industriais, as classes sociais foram divididas nas duas classes supracitadas, a burguesia e o proletariado.

As relações de poder segundo Marx (2013) são ligadas ao sistema econômico e diretamente às classes sociais (Marx, 2013). O poder em questão está sob posse de quem exerce o controle dos meios de produção e relações de produção, em outros termos, na infraestrutura econômica, ou base econômica. A relação de poder é relevante porque por meio do controle econômico, a classe dominante pode mudar e controlar a superestrutura a seu bel-prazer, perpetuando seus valores e ideologias, que notamos ser o sistema capitalista por meio da classe burguesa no poder.

Entendemos, portanto, que as relações de poder se estendem para as relações de produção, fazendo que o poder cresça advindo das dinâmicas entre as classes sociais. Dessa maneira, a classe dominadora, tem poder sobre a classe dominada pelo fato de explorar sua força de trabalho visando o acúmulo de capital concentrado em uma parcela restrita da sociedade.

Consequentemente, as relações de poder pelos estudos marxistas estão intimamente relacionadas ao conceito de divisão de classes. As divisões de classes aparecem justamente por meio das estruturas econômicas preestabelecidas de um País. Assim, notamos que essa divisão de classes, evidencia a classe que dominará os recursos econômicos, poder político e quais valores ideológicos serão disseminados. Por esse motivo, temos que compreender perante as relações de poder, como a divisão de classes estrutura a sociedade, manifestando assim, outros conceitos importantes dos estudos marxistas, por exemplo, exploração, alienação e resistência.

A divisão de classes, é essencialmente a dualidade e a separação dos grupos sociais em duas classes, mas essa separação acontece por relação entre os meios de produção, por exemplo,

a propriedade das terras, o capital financeiro, as ferramentas utilizadas no trabalho e os locais fabris (Marx e Engels, 2012). Nos escritos de Marx, o conceito de divisão de classes pode aparecer com outras nomenclaturas, dependendo dos autores também, como, por exemplo, divisão social, divisão social do trabalho, estratificação de classes, hierarquia social etc. Para nossa pesquisa utilizaremos *divisão de classes*. Sobre esse conceito Marx (1989, p. 407, grifo nosso) fundamenta:

A divisão do trabalho na sociedade se processa através da compra e venda dos produtos dos diferentes ramos de trabalho, a conexão dentro da manufatura, dos trabalhos parciais se realiza através da venda de diferentes forças de trabalho ao mesmo capitalista que as emprega como força de trabalho coletiva. A divisão manufatureira do trabalho pressupõe concentração dos meios de produção nas mãos de um capitalista, a divisão social do trabalho, dispersão dos meios de produção entre produtores de mercadorias, independentes entre si.

Essa divisão social de causas a efeitos, surge quando o desenvolvimento dos modos de produção em benefício da propriedade privada foi alavancado, por exemplo, começando com o feudalismo, e evoluindo para o capitalismo. Antes desses sistemas que tem o propósito do acúmulo de capital, percebíamos que as sociedades primitivas não apresentavam essas divisões de classes como após o advento desses modos de produção (Lessa e Tonet, 2011). Desse modo, a classe que é considerada superior e dominante, a classe burguesa, maneja a superestrutura da sociedade a fim de instaurar e perpetuar essa dinâmica de divisão de grupos sociais, para manter essa posição de desigualdade, pois com a desigualdade e a pobreza de uns, há riqueza para outros.

O conceito de ideologia, portanto, tem um papel importante na análise de Marx, formando a base material do seu argumento. O teórico observou que a classe dominante, ou seja, a burguesia, possui seus próprios interesses individualistas. De acordo com Marx e Engels (2007) a ideologia é formada por intermédio da classe dominadora e promove suas ideias e valores como verdades supremas, mantendo sob o desconhecido as barbáries do sistema capitalista. Dessa maneira, a ideologia disfarça o método de exploração e visa aplacar a manifestação da consciência de classe. Desse modo, o termo ideologia só veio ter esse nome tempos depois, e na obra *A ideologia Alemã*, Marx (2007, p. 72) o conceitua com outra roupagem, portanto:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os

meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação.

A partir disso, percebemos como a ideologia apresenta a estrutura econômica da sociedade, e os ideais dominantes advêm da classe burguesa que controla a infraestrutura. Nesse molde, Lessa e Tonet (2011, p. 114) defendem que “no dia a dia, a vida das pessoas determina as suas consciências. Como vivem sob o capital, são dominadas pelas ideologias burguesas.” Desse modo, a ideologia está estruturada nos vínculos materiais de produção de um local, o sistema de crenças desenvolvido com um propósito específico, almeja disseminar os desejos e ordens dessa classe dominadora, porque de fato ela possui os meios de produção e a propriedade privada, sendo fácil manipular trabalhadores que perderam a capacidade de se unirem.

Um sistema de crença, assim como todos os sistemas de uma sociedade, é gerado pelo condicionamento cultural, e isso tudo forma a ideologia (Tyson, 2006). Nessa esteira, a ideologia precisamente, pretende aprovar e manter o poder em todas as esferas socioeconômicas da classe burguesa sobre a classe proletária. Por esse motivo, a realidade é camouflada, escondendo as devastadoras contradições, violações e opressões do sistema capitalista, para mostrar para a sociedade que todos são beneficiados, quando, na verdade, apenas um seleto grupo domina a maioria da população. Assim, segundo Tyson (2006), pela visão marxista, o plano da ideologia disseminada pelos poderosos é fazer a manutenção desse poder nas mãos de poucos, pois assim os serviços indesejados serão para os pobres e nunca para os ricos.

Em vista disso, podemos relacionar a ideologia com alienação, pois segundo Marx (2013), esses pensamentos da classe dominante, prosseguem instaurando modos de pensar que são contrários aos interesses da classe trabalhadora. Em relação a isso, a burguesia, e os que estão no poder, utilizam do poder de influências de mídias, e do consumismo, para aplicar cada vez mais o seu modelo de estrutura alienante, escondendo as desigualdades concernentes ao capitalismo para a sociedade. Diante disso, a superestrutura se constitui das instituições, pensamentos, valor, normas e cultura em uma civilização, aproveitando da propagação da ideologia, por isso, Eagleton (2008, p.18) corrobora:

a superestrutura contém mais do que isto: ela consiste também em certas “formas definidas de consciência social” (políticas, religiosas, éticas, estéticas, etc.), que o marxismo designa por ideologia. A função da ideologia é, portanto, legitimar o poder da classe dominante na sociedade; em última análise, as ideias dominantes de uma sociedade são as ideias da sua classe dominante.

Conforme o exposto, a classe dominadora, em posse dos meios de produção, controla a seu bel-prazer seu conhecimento e modo de pensar, ou seja, a ideologia dominante, influenciando todas as classes sociais de um determinado povo, alterando assim a realidade de acordo com seus interesses. As ideologias inflamadas de manipulação, promovem organizações políticas repressoras, mas para ser aceitas pela sociedade, se disfarçam de formas “naturais” das coisas serem como são, e do mundo ser como “sempre foi”, ao invés de se intitularem abertamente como ideologias opressoras (Tyson, 2006). Portanto, na sociedade que as ideologias capitalistas operam primordialmente, elas eternizam o fato que as desigualdades sociais são naturais, em outras palavras, pobres nasceram assim e nunca irão mudar, bem como esse desfavorecimento é inevitável. Essas ideologias estimulam a manutenção do status quo, que explicaremos posteriormente.

Pelo que compreendemos, a divisão de classes separa os grupos sociais de acordo com seus próprios interesses, propiciando o aparecimento de fenômenos como, por exemplo, o de alienação. Nos escritos de Marx (2001), de maneira original, a alienação era intitulada como “estranhamento”. Alienação ou alienação social é um processo em que as pessoas, mais especificamente os trabalhadores, se descharacterizam sobre suas vidas, sua essência e os lucros do trabalho produzido por eles (Oliveira, 2019). O conceito em questão apareceu pela primeira vez nas obras: *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* e *O Capital*. Nesse contexto, o filósofo alemão fundamentou alienação do produto do trabalho, ou seja, a alienação do trabalho impede o trabalhador de identificar seu valor, perdendo a capacidade de reconhecimento por meio do produto que cria. Oliveira (2019, p. 17) aprofunda esse pensamento ao afirmar que:

no conceito de alienação em Marx se evidencia não somente a crítica à distribuição capitalista, mas, essencialmente, ao modo de produção capitalista que escraviza o operário e desrealiza o homem como ser de uma espécie. A preocupação de Marx não é a distribuição de renda, mas a libertação do homem de um tipo de trabalho: o trabalho alienado. Porque este tipo de trabalho afasta o homem da sua espécie e o aliena em um ser individual, abstrato; fazendo o homem perder sua consciência de espécie, de ser genérico, de humano.

Sob tal perspectiva, percebemos a maneira que a alienação do trabalhador vai além da perda do produto do que ele gera, mas também desvincula a essência do ser humano. À luz disso, podemos relatar que os proletários não usufruem do produto, ou do lucro total do que geram, eles não possuem controle sobre nada, e toda a mais-valia fica para o dono dos meios de produção. O empregador toma quase tudo para si, tudo o que é produzido por meio das pessoas, ou seja, além de não trabalharem, pegam tudo para si.

À vista desse diálogo, Oliveira (2019, p. 45) ressalta que “a consciência alienada se revela integralmente na proporção direta em que o trabalhador é obrigado a produzir incessantemente sob pena de seu próprio desaparecimento.” Complementando, podemos dizer que os proletários são alienados durante o processo de trabalho. As condições insalubres fornecidas pelo patrão, a falta de independência, já que eles têm que obedecer a ordens cegamente, potencializam ainda mais esse estado inerte.

Consequentemente, a alienação é um fenômeno que está ligado especificamente ao sistema vigente, o capitalista. Nesse sistema, o proletário não dispõe mais de controle sobre suas ações de forma independente, pois dependem de seu “benefício” na superestrutura estabelecida pelos burgueses. Mais que isso, a singularidade das pessoas é roubada, e Marx (2013) afirmou que destruir a alienação, seria essencial para transformar a sociedade de modo igualitário. Acerca desse tópico, ressaltamos que a alienação é utilizada pela classe burguesa, pois Marx (2003, p. 48) declara que a burguesia “sabe que a alienação é seu próprio poder.” A classe proletária, “por sua vez, sente-se aniquilada nessa alienação, vislumbra nela sua impotência e a realidade de uma existência desumana” (Marx, 2003, p. 48).

Como indicado por Marx (2011), a alienação nas mãos da burguesia funciona como uma ferramenta para exercer o poder e o interesse dessa classe, já para o proletário, é sentido como uma força destruidora, que extirpa suas verdadeiras vontades e liberdade, além de o prender em uma falsa realidade. Diante dessa reflexão, destacamos a profundidade do conceito de alienação, evidenciando sua relevância como uma crítica poderosa tanto ao capitalismo, quanto para compreendermos melhor a condição humana. Portanto, a alienação ao desvincular os trabalhadores de sua plena condição e capacidade de transformação, funciona como um mecanismo poderoso para a manutenção do status quo.

Com relação ao conceito de status quo, Marx não utiliza especificamente esse nome em suas obras. O termo específico aparece em relação a análises da sociologia e estudos dos sistemas sociais. Porém, Marx aborda fundamentações que fazem relação com o que conhecemos como status quo, por exemplo, a perpetuação da dominação da classe burguesa e o controle ideológico. Nesse contexto, status quo se refere ao estado atual das coisas, na nossa pesquisa, ao estado das estruturas econômicas (Oliveira, 2019). Assim, este conceito é geralmente associado à manutenção da condição atual que favorece a classe burguesa em relação ao proletariado. Considerando o que foi apresentado, Marx (1993) afirma que esse status quo é uma forma de produto que aparece devido a divisão de classes. Dito isso, o capitalismo mantém o status quo ao continuar o estado de exploração, pois assim, o acúmulo de capital se perpetuará.

Levando isso em consideração, podemos ressaltar que a manutenção do status quo acontece quando a classe dominante usa o Estado e a ideologia para legitimar e perpetuar o sistema dominante. Em outras palavras, o Estado e a ideologia, são ferramentas de poder para manutenção e instrumentos de dominação, servindo para naturalizar as questões supracitadas de exploração social. Conforme Marx (1993, p. 96) ressalta, “toda classe que aspira à dominação [...], deve conquistar primeiro o poder político, para apresentar seu interesse como interesse geral, ao que está obrigada no primeiro momento”. Por esse motivo, os valores ideológicos da classe dominadora são percebidos em determinado contexto histórico.

O status quo é uma formatação, ou seja, uma construção social baseada na disputa entre as duas classes sociais. A burguesia, como classe dominadora tem o objetivo de manter e fazer a manutenção do status quo, pois assim, a exploração é tomada do lucro contínuo (Marx, 2012). Por outro lado, o proletariado consciente visa quebrar essa manutenção e transformá-la por meio da luta de classes, a fim de conseguirem a sonhada liberdade social.

A manutenção do status quo pode ser considerada como uma forma de opressão, pois por meio dela a força e a violência permanecem naturalmente. Podemos mencionar que essa manutenção do status quo ocorre quando a alienação é estimulada e quando a classe dominante aplaca os movimentos de resistência que desafiam esse estado. Essas características possibilitam à classe burguesa perpetuar o sistema de coleta de capital e aumento da propriedade privada, como mencionamos. Portanto, a classe dominante deseja fazer a manutenção do status quo por causa da posse da propriedade privada, que é sustentada pela versão ideológica da classe burguesa (Cury, 1978). Logo, essa manutenção do status quo sustenta a condição ideal para que a Mais-valia continue sendo tomada, extraída e roubada, ou seja, perpetuando a exploração do proletário.

A respeito da Mais-Valia, Marx ofereceu a definição desse conceito. Dentro do livro *O Capital* (2013), ela é a disparidade do valor do produto do trabalho do proletário, e quanto ele recebe em troca de seus esforços para tentar sustentar o patrão burguês (Marx, 2013). Desse modo, Marx (2013) conceitua a mais-valia como o fator primordial de desejo da exploração nesse sistema de domínio, por isso, Marx (2013, p. 41) classificou que a Mais-Valia é: “Producir o máximo de mercadorias pelo preço mais baixo, para extrair daí o máximo de lucro, é a tendência irresistível do capitalismo. Naturalmente, ela vem junto com uma exploração crescente da força de trabalho.” Dessa forma, esse lucro advém de um tempo excedente de trabalho, ou seja, o operário não tem lazer, não pode usufruir de regalias, pois o seu dinheiro só serve para sobreviver, e para sustentar o próprio trabalho. A mais-valia é utilizada pelo burguês sem recompensa para o trabalhador, por isso Marx (2013, p. 382) afirma:

A produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, mas essencialmente produção de mais-valia. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, por isso, que ele produza em geral. Ele tem de produzir mais-valia. Só é produtivo o trabalhador que produz mais-valor para o capitalista ou serve à autovalorização do capital.

Diante disso, o trabalhador que não concede lucro ao dono dos meios de produção, é descartado ou trocado pelo que, à custa de receber até menos que o anterior, gera mais-valia para o dominador. Consoante as observações de Marx (2013), a mais-valia está dividida em duas categorias principais: Mais-Valia Absoluta e Mais-Valia Relativa. Assim, a primeira, apresenta o aumento excedente e total do tempo total da jornada de trabalho, tanto maximizando o serviço de cada dia, ou as horas semanais completas dos trabalhadores.

Logo, a segunda exemplifica o aumento da produtividade, diminuindo o período de produção do valor semelhante ao salário, por meio de tecnologias e técnicas avançadas. Considerando esse entendimento que o proletário só é necessário enquanto produz lucro, Marx (2001, p. 110) comprehende que “o trabalhador desce até ao nível de mercadoria, e de miserabilíssima mercadoria; que a penúria do trabalhador aumenta com o poder e o volume da sua produção”. Em outras palavras, os métodos e tecnologias desenvolvidas são sempre em prol de aumentar o lucro do burguês por intermédio da manutenção do serviço pelo trabalhador, e nunca distribuído para o proletário.

Sendo assim, a mais-valia está intimamente ligada ao capitalismo e às relações de poder, pelo motivo dos operários venderem obrigatoriamente sua força de trabalho por um preço baixíssimo. Por consequência disso, o acúmulo de capital, acarreta riqueza para a elite burguesa, que detém os meios de produção e a propriedade privada. Dessa maneira, uma luta de classes visando a distribuição igual do lucro, procura extirpar a obsessão desenfreada por mais-valia, motivando a classe trabalhadora para uma revolução na sociedade. Considerando essa explicação sobre a Mais-valia, podemos relatar que ela alimenta a luta de classes, pois ela evidencia a contradição entre o interesse da classe dominante e o direito do proletariado.

Por conseguinte, durante a sociedade em que viveu e observou, Marx desenvolveu o conceito de luta de classes, possibilitando entender cada papel nos conflitos e as relações sociais que advinham dessa estrutura socioeconômica que perdura atualmente. A luta de classes aparece por meio do desenvolvimento dos conceitos apresentados, pois no momento que o proletário toma consciência de sua condição e se une como classe, podem batalhar por seus direitos.

Por esse motivo, Marx e Engels (2012, p. 30) relatam por suas observações que “até hoje, a história de toda sociedade é a história das lutas de classes”. Assim, as contradições apresentadas, propiciam a luta entre as duas classes sociais na visão do teórico alemão, a burguesia e o proletariado. Consequentemente, a exploração dos trabalhadores, gera um ambiente catalisador para a luta de classes, logicamente, os operários procuram melhores condições de sustento, entrando em confronto com a elite que deseja mantê-los em condições degradantes, controlar totalmente a produção, além de pagar um salário baixíssimo. Diante disso, Marx e Engels (2012, p. 15) enfatizam:

toda a história da humanidade (desde a abolição da primitiva sociedade tribal, com sua propriedade comum do solo e da terra) tem sido uma história das lutas de classe, de lutas entre exploradores e explorados, entre classes dominantes e oprimidas; e que a história dessas lutas de classe apresenta um desenvolvimento dentro do qual, no momento presente, atingiu-se um patamar em que a classe explorada e oprimida (o proletariado) não pode libertar-se do jugo da classe exploradora e dominante (a burguesia) sem, ao mesmo tempo e de uma vez por todas, libertar a própria sociedade de toda e qualquer exploração e opressão, de toda diferença ou luta de classes.

Por meio do que foi apresentado, a luta de classes advém do esforço do proletário pela busca do término da exploração. Portanto, Siqueira e Pereira (2019, p. 43-44) afirmam que os “trabalhadores tiveram também de se organizar (associações, sindicatos, partidos etc.) e lutar por suas reivindicações”. Considerando isso, a união dos trabalhadores, ao se conscientizarem, culminará em uma luta operária, em que eles tomariam o poder dos burgueses e formariam uma sociedade sem classes e sem desigualdades. Diante do exposto, a luta de classes é a manifestação da consciência de classe que aconteceu com o grupo unido em coletividade, já que ela expõe as contradições de interesses entre burguesia e proletariado.

Em vista disso, consciência de classe se apresenta como um conceito basilar para Marx. Para Marx (2001), é um conceito teórico que expressa a percepção dos proletários em identificar sua posição social na estrutura preestabelecida, econômica, pelo capitalismo. Essa consciência permite aos trabalhadores compreenderem seus interesses como classe comunitária, e buscar a libertação de níveis de exploração.

Em *A ideologia alemã*, Marx (2007) explica que consciência de classe é a maneira como os indivíduos produzem os meios materiais de sua existência e influencia diretamente as estruturas políticas e sociais, ou seja, não são as ideias que definem a existência humana, mas é a realidade social em que vivem que formam suas ideias e consciência. Portanto, os proletários ao perceberem as situações agravantes e desfavorecedoras, precisam desenvolver a consciência

de classe coletivamente, e ficar encorajados a revolucionar o sistema, quebrar as estruturas dominadoras capitalistas em busca de melhoria de vida para todos, igualmente.

À vista disso, o trabalhador apto a desenvolver a consciência de classe, precisa saber que as disputas sociais no ambiente que se encontra, não são apenas de um único indivíduo, mas estão pré-estabelecidas nos vínculos de produção e nas superestruturas econômicas. Considerando isso, Netto (2006, p. 33) afirma: “a consciência de classe proletária só é alcançada mediante uma dramática luta contra as mistificações (na qual tem grande relevância o conhecimento veraz da realidade)”. Conforme essa afirmação, é importante destacar o poder de uma consciência crítica, que possibilita a luta contra as ideologias capitalistas. Entendemos que para atingir essa consciência, os trabalhadores precisam conhecer os aparatos econômicos que moldam suas vidas e trazem desigualdades.

A realidade ponderada pelo autor, podemos considerar que seja o ponto de partida para o princípio da mudança, já que o trabalhador em questão, pode perceber a exploração que parece inofensiva, porém, a partir do conhecimento da realidade, se mobilize para mudar sua condição.

Essa reflexão nos leva a refletir que os trabalhadores ao perceberem que possuem interesses comuns, podem lutar por seus direitos fundamentais e melhores condições de trabalho, que não oprimam, mas dignifiquem, motivando toda a comunidade para convocação da luta coletiva em benefício de todos, dessa maneira, desenvolvendo essa consciência de classe. Posto isso, vimos que a consciência de classe é uma etapa fundamental no processo de busca para um sistema igualitário. No entanto, como Marx (2001) pontua, esta consciência pode enfrentar barreiras por meio da ideologia que a classe dominante propaga. Diante disso, a consciência de classe se torna essencial para a organização e mobilização do proletariado visando uma revolução, pois ela transforma a dinâmica das relações de poder.

Por conseguinte, a revolução operária é o estopim da luta de classes que surge da sociedade capitalista, pois a revolução convoca os trabalhadores a extirparem a opressão sofrida pela burguesia, aplicando uma derrubada no sistema capitalista e fomentando uma comunidade justa e equitativa, ou seja, sem classes sociais (Marx, 2012). Para corroborar esse fato, Lessa e Tonet (2011, p. 116) descrevem que “a revolução é a afirmação da humanidade sobre as desumanidades produzidas pelo capitalismo”. Como tal, segundo Marx e Engels (2012), a revolução comunista não poderá deixar de ser um ato livre e emancipado da humanidade.

Assim, o controle dos meios de produção, que antes ficava no poder de seletos grupos, transforma-se no meio de produção dos proletários igualitariamente. O conceito de revolução é mais que uma simples alteração nas estruturas, mas sim uma mudança radical e total, política, econômica e social em um país. Consequentemente, o conceito de revolução está

intrinsecamente ligado à resistência, por esse motivo, utilizaremos a nomenclatura *resistência*, para expressar as ideias e valores relacionados a isto.

A resistência é um tipo de ação consciente dos trabalhadores explorados como classe unida, que lutam contra as estruturas de dominação, exploração e alienações do capitalismo. Essa resistência se apresenta das contradições entre as forças produtivas e as relações de produção, o proletariado consciente de sua condição explorada resiste ao condicionamento exposto pela classe dominante, no caso a burguesia. Mencionamos antes que o conceito de consciência de classe é relevante para esta resistência, pois por meio dele a classe trabalhadora despertada pode expressar as formas de resistência. Portanto, o grupo resistente se direciona a uma futura revolução, sobre isso, Marx e Engels (2012, p. 50) evidenciam essa relação entre classe e resistência:

Se, na luta contra a burguesia, o proletariado, por necessidade, se une numa classe, torna-se a classe dominante por meio de uma revolução e, como classe dominante, se vale de seu poder para abolir as velhas relações de produção, com isso ele abole também as condições para a existência do antagonismo de classes, abole as próprias classes e, desse modo, sua própria dominação como classe. No lugar da velha sociedade burguesa, com suas classes e antagonismos de classes, surge uma associação na qual o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos.

De acordo com essa reflexão, percebemos que o propósito da resistência é levar a revolução e uma sociedade sem classes, pois sem essa divisão de classes todas as pessoas seriam beneficiadas igualitariamente, extirpando assim qualquer forma de exploração e opressão. Para isso ser possível, o grupo social dos trabalhadores conseguirão alcançar esse caminho por meio da organização, que é considerada mais eficaz do que atos isolados de rebeldia (Siqueira & Pereira, 2019). A organização da classe unida, propicia superar a barreira do sistema capitalista, constituindo assim, a sociedade debaixo dos princípios comunistas. Diante dos conceitos que foram apresentados, na próxima seção apresentaremos as nossas análises interpretativistas relacionadas a prática cultural escolhida.

3 O JOGO DO PODER EM CODE GEASS

Nesta seção, nos apropriamos dos conceitos teóricos apresentadas sobre os estudos marxistas para a análise da prática cultural selecionada para esta pesquisa. Primeiramente, apresentamos o anime Code Geass (2006) como prática cultural, após isso, sobre o escritor Ichirō Ōkouchi, a sinopse e os personagens da animação japonesa. Sequencialmente, expomos

na seguinte seção, as análises qualitativas-interpretativistas das cenas e diálogos¹² previamente selecionados do anime *Code Geass* (2006) que compõe o enredo e são investigadas pelas teorias dos estudos marxistas.

3.1 Anime como Prática Cultural

O anime é uma forma de animação que advém do Japão e se transformou em uma manifestação cultural de muito destaque no cenário global atualmente. Esse tipo de produção é composto de enredos dos mais variados, desde os mais simples, até os mais complexos, bem como compartilha os dogmas e valores do seu contexto cultural de origem (Sato, 2007). Desse modo, o anime ultrapassa a barreira do puro entretenimento, e entra no âmbito das práticas culturais. Ao longo dos últimos anos, os animes viraram uma tendência cultural internacional, chegando a ganhar público em todas as faixas etárias, dado o seu grande escopo de temas apresentados por meio das animações (Moliné, 2006). Dessa maneira, o anime se transformou em uma ferramenta de manifestação e expressão artística e social.

O anime é uma forma de transmitir mensagens por meio de aspectos singulares, como por exemplo, traços estilizados característicos e enredos elaborados de acordo com temas que vão desde assuntos do cotidiano até questões existenciais complexas (Sato, 2007). Dito isso, o anime vai além da cultura propriamente japonesa, ultrapassando esse limite, ele representa um modo de interação globalizado, transparecendo as transformações culturais e interagindo com diversos públicos.

Considerando isso, o anime pode ser classificado como uma prática cultural multifacetada, levando consigo uma carga histórica, social e política em seus traços (Carlos, 2009). Além de seu design estético que atrai, os animes podem ser apresentados como uma prática cultural vinculada às relações socioeconômicas, refletindo assim, os aspectos da sociedade e suas identidades, ao passo que tem sua parcela de influência a quem consome esse tipo de produção (Tyson, 2015).

Além disso, os animes se tornaram um meio de expressão cultural. Essas animações ressaltam valores culturais do Japão, como o respeito por tradições, mas também conceitos diversos que fazem relações com outros públicos, podendo até mesmo explorar temáticas

¹² Para os critérios de inclusão e exclusão, restringimos a cenas e diálogos em que observamos os conceitos de relações de poder, divisão de classes e resistência fundamentados nos estudos marxistas. Ainda, outros conceitos secundários podem aparecer para complementar a análise, e desta maneira, cenas e diálogos que não apresentam os conceitos supracitados serão descartados.

universais, como relações de poder, opressão e resistência, fazendo o público dialogar sobre essas questões (Sato, 2007). Ou seja: unifica em uma mesma produção tradição e ideias de desenvolvimento. Logo, o anime pode ser considerado como uma prática cultural que permeia sua expressão artística e ideais, dialogando com a realidade cultural das sociedades, e se transformando em um espelho que influencia o público. A chegada da internet e das plataformas atuais de streaming, como a Crunchyroll¹³ e Netflix, possibilitou a disseminação dessas práticas culturais antes restritas somente ao Japão.

Atualmente, as produções originais expandiram os seus significados e valores ao redor do mundo, criando comunidades globais, pois o consumo de anime não é apenas sobre exibição em telas, mas inclui compartilhamento de mangás, action figures, cosplay, fan art, jogos e eventos temáticos (Carlos, 2009). Essas práticas promovem uma forma de conexão social de identidade. Diante disso, os animes refletem que não são apenas entretenimento jovem, mas uma forma de vínculo entre muitas culturas, mostrando assim, seu poder de ser um meio relevante de expressão cultural contemporânea.

As características da cultura de uma sociedade podem ser analisadas, segundo Tyson (2015, p. 58) em muitas de suas “cultural productions – literature, films, paintings, music, television programs, commercial advertisements, education, popular philosophy, religion, forms of entertainment, and so on.¹⁴ Dessa maneira, o anime como prática cultural pode ser analisado pelas relações socioeconômicas e por meio dos conceitos que apresentamos na revisão de literatura, possibilitando assim, encontrar sentidos e significados que somente essa produção cultural apresenta.

3.2 Por Trás do Nascimento de um Mundo em Conflito

O escritor do anime *Code Geass* (2006), é Ichirō Ōkouchi, nascido em 28 de março de 1968. Ele é um roteirista e romancista japonês, que se formou na Escola de Ciências Humanas da Universidade Waseda. Ōkouchi é mais conhecido por trabalhar juntamente com o diretor Gorō Taniguchi na composição da história e do roteiro da produção original da *Sunrise* (Estúdio de animação): *Code Geass: Lelouch of the Rebellion* em 2006 e sua segunda temporada em sequência: *Code Geass: Lelouch of the Rebellion R2* em 2008. Entre seus principais trabalhos, está *Code Geass – Lelouch of the Rebellion* (Mangá) atuando como Roteirista, *Valvrave the*

¹³ Plataforma de streaming especializada na exibição de animes.

¹⁴ produções culturais - literatura, filmes, pinturas, música, programas de televisão, anúncios comerciais, educação, filosofia popular, religião, formas de entretenimento, etc. (Tyson, 2015, p.58, tradução nossa).

liberator (Anime), *Kabaneri of the Iron Fortress* (Anime), *Princess Principal* (Anime), *Lupin III – Parte 5* (Anime), estes quatro últimos como Autor, e *Code Geass – Lelouch of the Resurrection* – (Filme) juntamente com *Kabaneri of the Iron Fortress* (Anime), nestes dois últimos como Escritor.

Já o diretor Gorō Taniguchi, nasceu em 18 de outubro de 1966, em Nisshin, Aichi, Japão. Ele é diretor, escritor, produtor e artista de *storyboard* de anime japonês, que está entre os diretores destacados da *Sunrise*. Os dois em parceria conseguiram o prêmio de melhor anime de ficção científica do Seiun Award em 2005, por meio da adaptação do Mangá *Planete*, de Makoto Yukimura.

O primeiro episódio (*The Day a New Demon was Born*) do anime *Code Geass* (2006) estreou no Japão no dia cinco de outubro de 2006. O anime estreou antes do Mangá pela *Sunrise*, uma empresa subsidiária da Bandai Entertainment, sendo responsável por um dos animes de sucesso entre os jovens no Japão: *Gundam*, bem como outros animes famosos como *Inu-Yasha*, *Cowboy Bebop*, *Samurai Warriors* e outros. Depois da estreia de *Code Geass* (2006) pela emissora MBS, a animação japonesa ganhou os prêmios de melhor anime no 6º Tokyo Anime Awards (2007), ainda, série mais popular no 29º Anime Grand Prix da revista japonesa *Animage*. Esta mesma revista concedeu também o prêmio de Personagem Masculino Mais Popular para o protagonista Lelouch Lamperouge, além do mérito de Música Mais Tocada “Colors” – Tema de abertura do anime interpretada pela banda japonesa de Rock Flow. Acrescentando, ganhou o prêmio de Melhor Animação para TV no 12º Animation Kobe, bem como Jun Fukuyama e Ami Koshimizu ganharam o prêmio do Seiyuu Awards como Melhor Ator e Atriz pelas atuações na dublagem, respectivamente dos personagens Lelouch e Kallen Stadfeld em 2007.

A segunda temporada, intitulada *Code Geass: Lelouch of the Rebellion R2*, estreou em abril de 2008 pela antes mencionada MBS em parceria com a TBS, sendo premiada pelo Tokyo Anime Awards em 2009 como Melhor Roteiro, além do Animation Kobe conceder o título de Melhor Animação para TV naquele mesmo ano.

Reiterando, a versão do Mangá de *Code Geass* somente estreou em dezembro de 2006, dois meses após a estreia do anime, na revista mensal *Asuka*, da editora Kadokawa Shoten. Geralmente, os animes sempre são apresentados depois do Mangá, porém no caso de *Code Geass*, a adaptação foi produzida ineditamente, e posteriormente, o Mangá foi elaborado, o que é considerado raro.

Ao que concerne o anime, *Code Geass: Lelouch of the Rebellion*, é a história narrada em um mundo alternativo, em que o Império da Britânia conquistou os territórios do mundo e

se tornou a maior superpotência da terra. O antigo Japão, renomeado agora como Área 11, foi invadido e dominado por esse Império, pois em suas reservas naturais, possuía um mineral muito valioso e estratégico, chamado Sakuradite. A antiga população japonesa, passou a ser chamada de “Elevens”, pelos dominadores, e são assim, tratados como inferiores e subjugados, sendo obrigados a trabalhar e receber muito pouco por isso, bem como enfrentam condições de pobreza e exploração. O Império elitista exerce controle absoluto sobre a economia, a política e o poderio militar. Nesse meio, Lelouch, um exilado estudante, encontra a oportunidade de vingança e justiça contra o sistema que destruiu sua antiga vida.

Depois de Lelouch testemunhar o modo como Britânia assassinou sua mãe em um atentado político, o jovem cresce com ódio e sede de justiça do sistema que domina o País. Durante um episódio, Lelouch passa a ter acesso a um poder específico e o usa para atacar as bases do sistema e do Império. Desse modo, ele utiliza o pseudônimo de Zero, assumindo a identidade de líder mascarado e convoca os elevens oprimidos a se reunirem para destruir o Império de Britânia. Zero, então, organiza os elevens e nomeia o grupo de a Ordem dos Cavaleiros Negros, se tornando a forma de resistência mais efetiva desde então.

Lelouch enfrenta desafios para confrontar o Império, pois tem conflitos éticos, além de precisar ganhar a confiança dos elevens para se juntarem na luta contra a exploração. O enredo apresenta essa nuance de lutas e sacrifícios, ressaltando a relação de poder entre dominantes e dominados. Ao longo da narrativa, Zero enfrenta desafios internos e externos, revelando que sua luta por retomada do poder, manifesta as complexidades e contradições de um sistema social e político em que vivem as pessoas. O anime *Code Geass* (2006), contribui assim com temas de luta de classes pela liberdade e o impacto das estruturas de poder, fornecendo um conteúdo vasto para análises teóricas, principalmente pelos estudos marxistas.

3.3 Code Geass: Um Olhar Sobre a História e os Personagens

Em um mundo alternativo, *Code Geass* (2006), apresenta o enredo em que o Império da Britânia se tornou uma superpotência militar por meio de suas conquistas, e busca expandir sua dominação ao redor do mundo. Após uma guerra declarada e sangrenta, o Império invadiu o Japão e o conquistou, mudando seu nome para “Área 11”. A população japonesa perdeu sua propriedade e sua identidade, passando a serem chamados de “Elevens”, uma referência ao novo nome de seu país. Os elevens dominados, são submetidos a formas de opressão para continuarem a trabalhar e gerar lucro ao sistema dominante. Além disso, eles vivem em

situações precárias, sobrevivendo à custa de migalhas, enquanto a Britânia ocupa o topo da hierarquia social.

A história apresenta o estudante Lelouch Lamperouge, um garoto inteligente, que foi exilado juntamente com sua irmã mais nova após a morte de sua mãe por questões políticas do Império. Por consequência disso, consumido pelo seu desejo de justiça pelas opressões que vivenciou desde então, Lelouch vive disfarçado como um estudante britânico, até que em um incidente, ele encontra uma garota misteriosa chamada C.C. Esta garota, estava em posse dos soldados do Império por causa de seu poder especial, mas em sua fuga, Lelouch accidentalmente se encontra com ela, e quando os soldados a matam, ela transfere seu poder ao estudante, poder esse que se chama “Geass”. Esse poder permite que Lelouch dê uma ordem inquestionável para alguém, que ele utiliza como mecanismo de enfrentamento contra o Império.

Figura 1 – Lelouch como estudante e como Zero.



Fonte: wikipedia.org

Como vemos na imagem à esquerda Lelouch se apresenta como um estudante comum, mas após receber o Geass, ele cria uma identidade e novo nome “Zero”, como observamos na imagem à direita. Assim, com essa nova habilidade, Lelouch assume a identidade de Zero, e cria estratégias liderando uma resistência contra o Império, formada somente por elevens, intitulada Os Cavaleiros Negros. O objetivo da resistência, é destruir o Império de Britânia e criar um mundo justo. Zero então, busca usar seu poder para combater o Império, que utiliza máquinas poderosas de guerra: os Knightmare Frames:

Figura 2 – Knightmare Frames



Fonte: Codegeass.fandom.

Nas imagens acima apresentadas, observamos cada Knightmare frame que o Império utiliza para oprimir e destruir a resistência. O primeiro da esquerda para a direita, é o Sutherland, usado pelos soldados do Império, o mais comum, usado para vigiar os guetos e matar elevens que se levantam contra o sistema. Esse Knightmare, possui metralhadoras acopladas e é um pouco mais lento, o que não impede sua capacidade mortífera de aniquilar ameaças.

O segundo, é o Gloucester, utilizado pela governadora geral do Império, Cornélia, quando a ameaça ao Império é em grande escala e ela mesmo o usa devido o seu poder de destruição, já que é um mais poderoso que os demais. Vemos que ele possui uma lança dourada de alto poder destrutivo, além da capa em suas costas, o que evidencia a diferença de autoridade perante os demais. Cornélia, é uma governadora braço direito do imperador, em uma posição de comando e de influência, disposta a executar elevens para o bem do Império, aparecendo muitas vezes por meio do seu Knightmare.

O terceiro, em branco, se chama Lancelot, usado em situações especiais do Império, quando a missão requer habilidade motora elevada, já que este é muito veloz, além do seu poder bélico. Ele pode ainda lançar cordas de aço, e se locomover pelas paredes, e é branco devido aos experimentos de evolução que são feitos em laboratório para aumentar a capacidade da frota. Ou seja, os experimentos para melhoria das demais máquinas são usadas no Lancelot por meio da Sakuradite, o mineral. Ademais, o último em vermelho, se chama Guren MK II, e é utilizado posteriormente pela Ordem dos Cavaleiros Negros, pois depois de muita luta, eles conseguem um Knightmare frame para combater de frente o sistema dominante. Possui um braço metálico poderoso e radioativo, que pode ser utilizado em emergências de combate, o que deixa o sistema elétrico sobrecarregado.

Estes Knightmare frames utilizados a favor do Império, obedecem acima de tudo, as ordens do Imperador Charles Zi de Britânia. Ele é o líder que tem como meta conquistar o mundo e manter todos os territórios dominados. A seguir observamos suas características:

Figura 3 – O Imperador de Britânia.



Fonte: Codegeass.fandom.

Percebemos a figura do imperador como de autoridade, ele utiliza roupas que fazem referência a reis, como seu cabelo também. O imperador é constantemente visto em um trono, como percebemos no frame 2, pois ele tem o princípio de tomar posse e possuir tudo que é dos elevens, como suas propriedades e bens. Nesse sentido, uma eleven de relevância que Zero começa a tentar convencê-la a lutar contra o Império e se juntar ao seu plano de destruir Britânia, é Kallen Stadfeld.

Figura 4 – A eleven: Kallen.



Fonte: Codegeass.fandom.

Kallen é uma eleven, que sofre por ter seus amigos e familiares debaixo da opressão que o sistema da Britânia promove. Depois de muito sofrimento, ela reconhece em Zero uma esperança para tentar finalizar com o reino de exploração que os elevens vivem por anos. Desse modo, Kallen se torna uma ativa resistente, e parceira de Zero na tentativa de luta e libertação dos elevens. Na primeira imagem, observamos Kallen como membro da resistência, com o olhar

determinado, e na segunda, ela disfarçada de estudante britânica, em prol de obter informações pertinentes para elaborar um plano de libertação dos elevens.

3.4 A Tensão Polarizada

Nessa seção, apresentamos as nossas análises interpretativistas referentes às características do Império da Britânia e Área 11, bem como à forma que as relações de poder são estabelecidas, mantidas e confrontadas dentro do anime *Code Geass* (2006) por meio dos pressupostos dos estudos marxistas.

3.4.1 As relações de poder: O domínio Imperial e a submissão da Área 11

Nessa subseção, começaremos evidenciando as características que mostram que classe social se assemelha à classe dominante, e qual à classe dominada. Além disso, analisaremos por meio de frames e diálogos como os conceitos discutidos se relacionam com os excertos.

Diante disso, contextualizando o excerto que iremos analisar, em um determinado diálogo, Zero, tentando arquitetar maneiras de atingir o império, se encontra com o seu grupo em uma reunião com o Senhor Kirihara, um fundador de uma indústria que ficou poderosa desde antes da guerra que definiu os lados vencedor e perdedor acontecer. Quando Zero chega no andar onde ele está, o seu grupo visualiza pela janela a mina Fuji, localizada onde fica o monte Fuji do Japão. Antes da guerra eclodir, o Império descobriu que ali se encontrava uma grande quantidade de Sakuradite, um metal precioso e raro que serviria para alavancar o potencial tecnológico das indústrias e do poder militar.

Dentro do mundo de *Code Geass* (2006), esse material, antes da invasão do Império Britânico, era exportado para o mundo todo pelo Japão, movimentando a economia dos japoneses naquela região. As propriedades de Sakuradite são condutoras de calor, podendo ser manejado como um artefato explosivo. Devido a essas condições supercondutoras e até mesmo radioativas, a Sakuradite é necessária para a produção dos Knightmare Frames, pois os robôs requerem uma alta demanda de energia nos seus sistemas elétricos, como o Blaze Luminous¹⁵

¹⁵ “é um sistema que projeta energia na forma de escudos ao redor de um alvo próximo. Desenvolvido por Lloyd Asplund e Camelot (Personagens), o escudo existe como um espaço criado devido à supercompressão de um campo de Coulomb. Ele foi projetado como um sistema de armadura de energia que aplica o fenômeno de ruptura”. (*Code Geass Wiki*, Online, Tradução nossa)

e Float Systems¹⁶. Os componentes radioativos da Sakuradite são utilizados desse modo, para gerar energia e abastecer os Knightmare Frames, além do Império os usar para outras finalidades bélicas, sendo uma fonte essencial de energia dentro do anime. Assim, a Sakuradite é um produto essencial no uso da tecnologia militar e fonte energética. Por essa razão, o Império decidiu invadir o Japão para tomar o País e se apossar disso. No diálogo a seguir, veremos a relação desse minério com as características de classe dominante:

ZERO: “Kirihara Taizou. You became famous as the founder of Kirihara Industries for the extraction of Sakuradite. However, you changed sides after Japan's defeat in the war, becoming a collaborator with the colonization. Usually called Kiriha, the traitor¹⁷” (Code Geass, 2006, ep. 12, min 18:19 – 20:07).

Percebemos no texto acima, que Zero relata saber que Kirihara era o dono das indústrias de extração de Sakuradite, e que ele embora apoiasse o Japão para continuar extraíndo o recurso, quando soube que Britânia derrotou o Japão, para seus propósitos, se aliou ao lado vencedor, confirmando que o plano de colonização era necessário. Ao final da fala de Zero, ele comenta que Kirihara é um traidor, revelando um lado oportunista de um sistema que beneficia quem está acima.

Como observamos no excerto, a Sakuradite como recurso natural, chamou a atenção das indústrias para a sua extração. Acrescentando, a Área 11 era o maior fornecedor de Sakuradite, suprindo mais de 70% do mercado. Por esse motivo, o Império, visando obter esse minério precioso, desencadeou a guerra e estabeleceu o domínio ao território japonês. Com o objetivo de aumentar o seu poderio militar, Britânia manda seus Knightmare Frames para invadir o território, e tomar posse dele, já que os Knightmare Frames usam a Sakuradite como propulsão. Percebemos no diálogo que o Senhor Kirihara detentor de uma indústria poderosa, é dominado pelo império, quando lemos “colaborador da colonização”. Dito isso, percebemos que essa colaboração foi feita de modo coercitivo, ou seja, essa exploração objetiva acumular o capital, que sugerimos ser usado por meio da Sakuradite e pode simbolizar a forma que a infraestrutura mantém a superestrutura.

Pensando nisso, percebemos essa característica evidente da classe dominante burguesa: o domínio desses meios de produção (Marx, 2012). No anime, podemos inferir que o Império

¹⁶ “é um dispositivo de flutuação que foi desenvolvido por Lloyd Asplund (Personagem) e o Império da Britânia para permitir o voo dos Knights”. (Code Geass Wiki, Online, Tradução nossa)

¹⁷ **ZERO:** “Kirihara Taizou. Você se tornou famoso como fundador das indústrias Kirihara pela extração de Sakuradite. No entanto, você mudou de lado após a derrota do Japão na guerra, tornando-se um colaborador da colonização. Normalmente chamado de Kiriha, o traidor.” (Code Geass, 2006, ep. 12, min 18:19 – 20:07)

de Britânia exerce essa dominação controlando as indústrias, o território e a tecnologia, já que ele se apossa da Área 11, e obriga o Senhor Kirihara a ser um colaborador da colonização sem enfrentar resistência, além de tomar posse da Sakuradite, o metal precioso. Em suma, os meios de produção são utilizados para os desígnios e planos do Império, e isso é uma evidente característica dessa classe que se diz superior.

Assim, percebemos, que a Britânia tem o controle econômico dos recursos de toda a população proletária e da força de trabalho dos elevens. O império dominante mantém essa posição dominadora como classe, restringindo que os elevens possuam os meios de produção. Monopolizando essa extração, o Império garante o desenvolvimento do seu poder bélico e industrial, e impede por meio da força coercitiva os elevens de utilizar a Sakuradite para seu próprio proveito que está em suas terras, algo que eles exerciam antes da invasão.

Nesse sentido, podemos considerar que o domínio das fontes de capital só é possível quando o dominante tanto explora o trabalhador, quanto distancia ele daquilo que foi produzido. Essa dinâmica de exploração e distanciamento do proletário em relação aos meios de produção é explicado pelo argumento de Lessa e Tonet (2011, p. 64), que afirma: “para que a força de trabalho possa ser convertida em mercadoria, ou seja, possa ser comprada e vendida no mercado, é necessário que o trabalhador seja separado dos meios de produção e do produto produzido”. Nesse contexto, as ideias que apresentamos sobre a extração de Sakuradite, reforça o tema do acúmulo de capital. Nesse caso, a burguesia, segundo Marx (2013), se apodera dos produtos e recursos naturais advindos do trabalho para, dessa forma, consolidar sua posição na hierarquia como superior e dominante. Esse monopólio conquistado é notado como uma fonte de criar desigualdade entre as duas classes sociais.

Ademais, a Sakuradite, pode ser considerada como uma forma de Mais-valia, pois ela é buscada a todo custo pelo imperador. Sobre a Mais-valia, ou Mais-valor como Marx (2013) chamava, ela é o valor *extra* que o proletário gera para o sistema capitalista, e uma pequena parcela ele recebe como pagamento pelo seu trabalho laborioso. Além disso, esse valor é produzido porque o capitalista paga somente o suficiente para a sobrevivência, ou até mesmo subsistência, ainda que o proletário produza mais do que isso por meio do seu serviço, assim, o excedente vira lucro total para o burguês (Marx, 2013). A naturalização dessa condição muitas das vezes está enraizada em um modo de pensar que também é possível testemunharmos ao longo dos episódios do anime.

Em Code Geass (2006), o Império da Britânia se impõe como uma potência dominadora que tem o monopólio dos recursos do País, tecnologia e território. De acordo com Marx (2012), a classe dominante detém o pleno controle dos meios de produção, e isso é uma característica

evidente da exploração dos recursos e do trabalho da população. Podemos dizer que dentro da narrativa, os meios de produção são relacionados aos recursos e infraestrutura controlados pelo Sacro Império de Britânia, que os usa para sustentar a economia crescente e garantir que a Área 11 seja manipulada. Sobre esses meios de produção, temos as terras, tecnologia avançada, indústrias e recursos naturais, algo que o Império controla totalmente no anime, como veremos posteriormente.

Nessa perspectiva, nas palavras de Marx (2013, p. 180, grifo nosso), “para que alguém possa vender mercadorias diferentes de sua força de trabalho, ele tem de **possuir**, evidentemente, meios de produção, por exemplo, matérias-primas, instrumentos de trabalho”. Em outros termos, os meios de produção são as estruturas, ou seja, os recursos e instrumentos que os trabalhadores utilizam para produzir tanto os bens quanto algum serviço que gere lucro dentro da sociedade, e que, como constatamos na citação, pertencem a uma exclusiva parcela dos envolvidos.

Para complementar a ideia da classe dominante ser o Império, na cena seguinte, após a morte do Governador Clóvis, o Imperador de Britânia em seu funeral, faz um discurso diante da imprensa e diante da população britânica. A transmissão é televisionada para todo o País, porque o Imperador é a pessoa mais poderosa diante de todos, e assim, ele profere com veemência as seguintes palavras:

KING EMPEROR OF BRITAIN: “People... are not equal. Some are born into poor families. Some have frail bodies. Birth, growth and talent. All humans are different. Yes, people exist to be different. That's why people fight and compete with each other. And from that comes evolution. Inequality is not an evil. But equality is [...] This results in disorganization and the maintenance of an unimproved system [...] we in Britannia are not like that.”¹⁸ (Code Geass, 2006, ep. 6 min, 20:26 – 22:00, grifo nosso).

O conteúdo do discurso proferido pelo imperador com o intuito de sistematizar o pensamento que ele próprio defende, possui base no argumento de que uma nação poderosa precisa de pessoas diferentes, com posições e recompensas diferentes, e que sendo ou não um infortúnio, uns nasceram para comandar e outros, mais fracos, para serem comandados. Quando o imperador comenta que as pessoas não são iguais e que algumas nascem em famílias pobres, ele expressa em suas palavras a relação de poder que existe dentro do domínio. Se as pessoas

¹⁸ **REI IMPERADOR DE BRITANIA:** “As pessoas... não são iguais. Alguns nascem em famílias pobres. Alguns tem corpos frágeis. Nascimento, crescimento e talento. Todos os humanos são diferentes. Sim, as pessoas existem para serem diferentes. Por isso as pessoas lutam e competem entre si. E disso nasce a evolução. Desigualdade não é um mal. Mas a igualdade é [...] Isso resulta em desorganização e manutenção de um sistema sem melhorias [...] nós de Britânia não somos assim.” (Code Geass, 2006, ep. 6 min, 20:26 – 22:00, Tradução nossa).

são diferentes, então precisam ter umas sendo superiores a outras, uma classe dominante e outra dominada, que por inferência notamos que ele se coloca como a dominante.

À luz dessa reflexão, o imperador comenta ainda que a igualdade é um mal, concluindo que Britânia não seria daquele jeito. Percebemos esse aspecto tanto da autoridade em declarar um valor superior, a que podemos chamá-lo de ideologia, como “o sistema sem melhorias” relatado no excerto, nos remete por alusão que os britannians são os únicos que constantemente estão evoluindo. A partir desse pensamento, percebemos o desenvolver de todos os explícitos atos de exploração para com os elevens no decorrer dos episódios.

Considerando isso, Marx (2013, p. 25) comenta que “para os proprietários dos meios de produção, a exploração da força de trabalho [...] é a condição básica da acumulação do capital mediante relações de produção já de natureza capitalista”. Isso é, o exacerbado acúmulo de bens e poder sobre os meios de produção que discutimos anteriormente está fundamentalmente ligado com a exploração da força de trabalho, visto que este montante só se torna possível possuir a partir da recusa da recompensa justa pelo trabalho do proletariado, dessa forma é imprescindível para aqueles que estão no poder propagar um sistema psicológico e fisicamente coercitivo para nele permanecerem. Desse modo, para o imperador acumular os seus bens, ele precisa transmitir a ideia de que os humanos são diferentes, e como dominador, ele tem o direito de possuir os meios de produção dentro da história. Enquanto os elevens nasceram para serem pobres.

Diante disso, outra característica forte do poder dominante é o uso de força coercitiva para atingir seus ideais, assim como o discutido anteriormente, e o Império da Britânia faz uso, especialmente, de seus robôs gigantes, chamados de Knightmare Frames. No episódio 6 – “A máscara roubada”, Cornélia, a governadora geral do império, por meio de seus espiões, considera a possibilidade de Zero, codinome do protagonista Lelouch, estar escondido em um local construído por alguns elevens abaixo do solo para organização de recursos de luta contra o império. Com essa informação em mente, Cornélia utiliza seu Knightmare Frame mais poderoso que os comuns, e vai em busca de Zero. Assim que percebe que ele não está naquele local, a governadora geral, utiliza uma metralhadora acoplada em seu dispositivo tecnológico e dispara contra os elevens que estão escondidos ali, como podemos observar nas imagens abaixo:

Figura 5 - Cornélia massacra elevens da resistência.



Fonte: otakuanimess.cc. (The Stolen Mask, 2006, ep 6, min 05:05.)

Observamos na cena, que o uso da força e da violência é aplicado para tentar ganhar território e destruir qualquer mínima possibilidade de surgimento de ameaças. Percebemos também o contraste da potência dos equipamentos bélicos entre o grande robô e a dos elevens. Na imagem à esquerda, o Gloucester exibe sua altura como uma forma de superioridade, já que ele tem cerca de 7 metros. A explosão nesta imagem, apresenta a expressão exata da opressão e violência, pois Cornélia dispara diversas vezes em direção aos elevens com o propósito de matar, aniquilar e extirpar todos que estão de certa forma resistindo contra sua presença. Na imagem à direita, notamos o simbolismo de superioridade e condição elitista por meio de sua capa, que por sinal, poderia ser dispensado. Porém, para promover essa ideia de que os Britânicos são os salvadores, Cornélia utiliza esse artifício da capa, como uma heroína em prol da ideologia imperialista.

Essa crença é disseminada por grupos burgueses, como percebemos na imagem. Além disso, os elevens são vistos ao fundo atirando, em tamanho minúsculo. Podemos inferir que isso representa a tentativa de mostrar os elevens como o grupo sem poder e fracos. Eles estão escondidos e são mostrados sem cores, em contraste com o Gloucester. Sugerindo assim, que são impossibilitados de vencer a ideologia dominante, bem como não possuem identidade e seu poder de sair daquela situação desfavorável é desproporcional, da mesma forma que o proletariado sofre dentro do sistema capitalista.

Depois do massacre, o local que estava cheio de recursos é tomado pelos soldados do império, pois os trabalhadores que estavam em oposição são eliminados, e os que concordam com o império continuam trabalhando, angariando recursos para a classe dominante. Notamos, assim, a característica da classe dominante de explorar os recursos por meio da população eleven, com o uso da força coercitiva para atingir seus objetivos. A força coercitiva que presenciamos Cornélia utilizar por meio do seu Knightmare Frame na cena, é o que Marx (2013,

p. 786) conceitua: “na história real, como se sabe, o papel principal é desempenhado pela conquista, a subjugação, o assassinato para roubar, em suma, a violência”.

Assim, percebemos como o Sacro Império de Britannia tenta promover a ideia de classe dominante, ao desumanizar os elevens, tratados como seres inferiores e descartáveis. Em outras palavras, o dominante impõe seus valores distorcidos como normais por meio da violência e da força, sendo uma característica forte dessa classe (Marx, 1993). Nesse ínterim, compreendemos até aqui que as características mais evidentes do Império da Britânia como classe dominante são o domínio dos meios de produção e a exploração da força de trabalho por meio da violência coercitiva.

Apresentamos a seguir, as características da Área 11 como classe dominada. No frame seguinte, o império de Britânia está em perseguição a um grupo de elevens resistentes que supostamente roubaram uma arma secreta. Nesse ínterim, o cenário muda e notamos a situação dos guetos, como vemos a cena seguinte:

Figura 6 – Elevens dominados.



Fonte: otakuanimess.cc. (The Day a New Demon Was Born, ep 1, min 13:32)

No frame à esquerda, podemos ver inúmeros elevens trabalhando em prol de sua sobrevivência, alguns deles estão com ferramentas parecidas com foices, mulheres estão com bandejas recolhendo entulhos e comida para alimentar suas famílias. Observamos um homem exausto do cansativo labor, e uma menina com um rosto apático, expressando o clima que é viver dentro de um gueto supervisionado por soldados do Império a todo momento.

No frame à direita, podemos observar que o céu do gueto chamado Shinjuku está repleto de aeroplanos do Império que atuam como vigilância constante sobre a Área 11. Percebemos então que alguns elevens estão realizando trabalhos manuais se mostrando visualmente cansados. Enquanto uns recolhem sacos, outros usam ferramentas como pás, enxadas. Este serviço que desempenham dentro do gueto, é de importância para a sobrevivência, pois assim, conseguem sua remuneração e trocam por comida.

Porém, esses trabalhadores dentro desse território não têm uma alternativa, são obrigados a realizar estes serviços, pois caso contrário, são violentados pelos soldados do Império, podendo chegar a ser mortos. Ainda, podemos notar que as paredes da ponte estão em situação degradante, sem segurança, podendo em certos lugares desabar a qualquer momento. Acrescentamos que em um dos homens trabalhadores é visto, em seu rosto, um olhar de tensão e medo pela vigilância constante dos aeroplanos no céu e pelo que pode acontecer às pessoas ali.

Consoante o que observamos, entendemos que a Área 11 tem características de ser explorada economicamente e é desvalorizada em sua cultura. Podemos notar que a população da Área 11 pode ser classificada como proletariado, uma vez que os proletários são subjugados pela classe dominante. Assim, o proletariado de acordo com Marx (2012, p. 35-36) é:

a classe dos trabalhadores modernos, que só sobrevivem à medida que encontram trabalho, e só encontram trabalho à medida que seu próprio trabalho multiplica o capital. Esses trabalhadores, que precisam se vender a varejo, são uma mercadoria como qualquer outro artigo vendido no comércio, sujeita, portanto, a todas as vicissitudes da concorrência e a todas as oscilações do mercado.

Compreendendo esse conceito, como os proletários não possuem o domínio dos meios de produção, estão fadados a enfrentar uma condição tanto de moradia quanto de trabalho precário. Diante disso, podemos inferir que a classe proletária é desprovida de independência socioeconômica, pois “com o volume dos meios de produção que se apresentam ao trabalhador [...] como propriedade alheia, aumenta também a necessidade do controle sobre sua utilização adequada” (Marx, 2013, p. 281). Essa reflexão nos mostra que essa dependência econômica aumenta já que a classe trabalhadora não pode usufruir dos bens, meios de produção e lucro gerado porque a classe dominante aumenta o controle sobre o uso disso. Desse modo, quanto maior o controle sobre esses meios de produção que não pertencem ao trabalhador, mais dominada a classe proletária se torna. Assim, os Elevens são vistos como “escravos” pela ordem social do Império.

Observamos também que na cena, o cenário acima dos trabalhadores se caracteriza por um grande céu azul e límpido que evoca uma sensação de alegria, normalidade do dia a dia, e até mesmo liberdade. No entanto, é uma contradição com a realidade das pessoas que parecem exaustas e limitadas naqueles serviços, sem esperança de sair daquela condição. Ademais, a uniformidade de vestimentas claras para os trabalhadores, nos sugere uma ordem mascarada que objetiva neutralizar o verdadeiro desgaste físico e emocional desses trabalhadores, que

agora despersonalizados e reduzidos a ferramentas de um sistema, tem sua percepção disso reduzida.

Considerando essa reflexão, podemos relatar que o que foi apresentado tem ligação direta com a característica da Área 11 de subordinação. Ela é explorada tanto dos recursos, quanto da sua força de trabalho. A população dominada é usada como mão de obra barata, para gerar lucro e as despesas praticamente desaparecem para o lado dominante. Isso gera uma desigualdade econômica, pois “a produção de mais-valor ou a extração de mais-trabalho constitui a finalidade específicos da produção capitalista, abstraindo das transformações do próprio modo de produção decorrentes da subordinação do trabalho ao capital” (Marx, 2013, p. 256). Em consequência disso, os elevens sofrem dessa subordinação do trabalho, sendo dependentes totalmente ao grupo elitista, além do sistema econômico vigente operar justamente para perpetuar essa relação de subordinação.

3.4.2 Fundação e Sustentação do Domínio: a divisão de classes imperial

Após visualizarmos com maior propriedade as características mais notórias de ambas as classes, veremos que maneira as relações de poder entre o Império da Britânia e a Área 11 são estabelecidas e mantidas dentro do mundo de *Code Geass* (2006). Existe nesse contraste entre as classes sociais, um sistema econômico de hierarquias que perpetua uma dinâmica de dominação a partir de conquista militarizada e da força. Esses métodos inicialmente permitem que as relações de poder sejam mantidas e consolidadas por estratégias ideológicas utilizadas pelo Império, como a alienação e a ideologia, retratando o que dizem os estudos marxistas. Veremos como esses mecanismos são mostrados dentro do anime para compreendermos como o Império da Britânia promove e perpetua essa divisão de classes.

Logo no primeiro episódio, cenas são apresentadas ao telespectador sobre o que aconteceu antes da guerra eclodir. Enquanto cenas são mostradas uma a uma entre movimentações de guerrilheiros, tanques de guerra e helicópteros em sentido de invasão, o narrador relata sobre o conflito entre os dois países e o motivo que levou a batalha. Após isso, é mostrado o que aconteceu e os resultados pós-guerra, que veremos no set de frames e texto a seguir:

Figura 7 – O estabelecimento do Império



Fonte: otakuanimess.cc. (The Day a New Demon Was Born 2006, ep 1, min 00:40).

NARRATOR: “2010 a.t.b, August 10th. The Holy Empire of Britain has declared war on Japan. The island far to the east that had maintained its neutrality and the world's only superpower, Britannia... Between them there was a diplomatic conflict over Japan's wealth. During the land battle, the Britannian army used **humanoid armored vehicles, the Nightmare Frames** for the first time. This power exceeded expectations, and the defense barricades formed to protect Japan were torn down one by one.”¹⁹ (The Day a New Demon Was Born 2006, ep 1, min 00:40 – 01:36, grifo nosso).

De acordo com o set de imagens, notamos, primeiramente, que um veículo voador que se assemelha a um avião desce cordas de aço para o chão. Nestas cordas de aço, vemos na segunda imagem que Knightmare Frames são baixados em direção ao território japonês, portando armas em suas mãos robóticas. Logo em seguida, percebemos que o Japão utiliza tanques de guerra em suas defesas, mas o Knightmare Frame atinge o tanque devido à sua mobilidade e poder bélico, como vemos as explosões e fumaça vindas do tanque de guerra. Depois da invasão, na última imagem do set, vemos que os soldados mataram algumas pessoas que estão com os corpos atirados ao chão, e os sobreviventes são rendidos a fim de obedecer às ordens do Império.

¹⁹ **NARRADOR:** “2010 a.t.b, 10 de agosto. O Santo Império Britânnia declarou guerra ao Japão. A ilha bem ao leste que havia mantido sua neutralidade e a única superpotência do mundo, Britânnia... Entre eles havia um conflito diplomático motivado pela riqueza do Japão. Durante a batalha terrestre, o exército de Britânia usou veículos humanóides blindados, os Knightmare Frames pela primeira vez. Esse poder superava as expectativas, e as barricadas de defesa formadas para proteger o Japão foram desfeitas uma a uma. O Japão se tornou um território do Império... Sua liberdade... direitos... e nomes foram tomados. Área 11. Esse número era o novo nome do Japão após sua derrota.” (The Day a New Demon Was Born 2006, ep 1, min 00:40 – 01:36, tradução nossa).

Enquanto isso, o narrador relata a história de como o conflito diplomático que era motivado pela riqueza do Japão, que discutimos antes ser a posse de Sakuradite, levou ao desencadear desta terrível invasão. A voz conta que foi a primeira vez que o Império de Britânia utilizou os Knightmare Frames para conquistar à força um território, e a maneira que esse poder dizimou as defesas ultrapassadas tecnologicamente, por exemplo, os tanques de guerra. Assim, esse território perdeu tudo, passando a ser chamado de Área 11.

Na imagem, observamos que os robôs gigantes possuem tons de cores cinza e metálicos, evocando um sentimento de frieza e desumanização. As imagens refletem a prioridade pelo poder bélico, que substitui as pessoas pelas máquinas. Notamos que a diferença entre as roupas simples dos elevens e os uniformes dos soldados mostra a diferença entre essas duas classes, bem como os tons em preto e cinza, cria uma atmosfera sombria que carrega sofrimento e dor por onde chega.

Em adição, percebemos que os elevens estão sendo ameaçados e colocados contra o paredão inibidos pelas armas. Dessa forma, assimilamos que seu poder de escolha é aplacado pela coerção violenta, sendo limitados a um ciclo ininterrupto de opressão. Embora o céu esteja claro e azul nas primeiras imagens sendo considerado uma alusão a esperança, estas exibem explosões alaranjadas, fumaça e escuridão, expressando uma dualidade que pode ser uma forma de crítica ao sistema capitalista que promete progresso à primeira vista, mas camufla as condições péssimas que os trabalhadores enfrentam.

Podemos perceber, assim, que as relações de poder são *estabelecidas* primeiramente por intermédio do uso da força, e da conquista militarizada pelos robôs ultramodernos, em outras palavras, pelo uso da opressão. Os Knightmare Frames são utilizados como meios para estabelecer o sistema dominante, e devido a isso, podemos notar a divisão de classes se formando no País. Desse modo, a opressão que o Império estabelece, visa a conquista do controle territorial dos recursos e a submissão dos elevens perante o sistema imposto por eles.

Podemos notar que o próprio nome dos robôs futurísticos “Knightmare Frames” expressa um significado. “Nightmare” do inglês, significa “Pesadelo”, e é somado com a palavra “Knight”, traduzido para cavaleiro, na Língua Portuguesa (Cambridge Dictionary, 2024, online). Nesse sentido, a visível escolha em estruturar juntas as duas palavras até resultar em “Knightmares” tem como efeito nos fazer ponderar sobre o objetivo de tais armas, que é o de impor terror e com isso instaurar um sistema opressor sob aqueles que cruzarem seu caminho.

A invasão militarizada do Japão pela Britânia, apoiada pelo uso dos Knightmare Frames, exemplifica e sugere o uso da violência e opressão como um método nítido de estabelecer uma

relação de poder por intermédio do controle. Esse processo é manifesto nas palavras de Marx (2012, p. 49-50), ao salientar que “o poder político, em seu sentido real, é o poder organizado de uma classe para a opressão de outra”. O poderio militar subjuga a população e consolida a hegemonia da Britânia, porque diminui as resistências e tenta manter o status quo.

Dessa maneira, Marx (2012) explica que a violência é geralmente uma forma pela qual a classe dominante estabelece uma posição de poder. Percebemos isso na abordagem do império ao disponibilizar sua tecnologia bélica e ultramoderna para manter a estrutura socioeconômica e social, além de colonizar o território para produzir bens em prol do interesse da classe dominante. Dito isso, o poder e força opressiva é uma extensão da dominação política que mantém a exploração sistematizada e o eterno sistema desigual.

Relatamos anteriormente que o Império da Britânia pode ser classificado em nossa análise como burguesia e a Área 11 como proletariado devido às características apresentadas. Por isso, notamos que a história mostra essa divisão entre duas classes, que são estabelecidas conforme a posição que as pessoas ocupam na estrutura socioeconômica em uma sociedade, e essa divisão de classes determina o nível de poder, riqueza e acesso aos recursos.

Consequentemente, essa divisão de classes acontece quando a força opressora a estabelece por meio de algo, que aqui chamamos de opressão. Sobre opressão, Marx (2012, p. 40) explica que “todas as sociedades sempre se assentaram na oposição entre as classes opressoras e oprimidas. Contudo, para que uma classe possa ser oprimida, é preciso que lhe sejam asseguradas condições sob as quais ela possa ao menos levar sua existência servil”. Desse modo, o Império da Britânia força essas condições por meio da opressão utilizada pelos Knightmare Frames, ou seja, eles são o método para estabelecer e manter o domínio.

Por conseguinte, o Império da Britânia estabelece as divisões de classes por meio de exploração e opressão, e só consegue exercer tais medidas utilizando prioritariamente os Knightmare Frames. Pelas imagens, vemos que os civis estão sendo oprimidos, e as defesas do território estão sendo destroçadas, nesse momento o estabelecimento do sistema que explora está sendo realizado. No texto narrado, destacamos a sentença “**used humanoid armored vehicles, the Knightmare Frames**²⁰”, deixando evidente que as relações de poder na Área 11 são estabelecidas e mantidas por intermédio desse maquinário tecnológico. Isso acontece, porque os grupos rebeldes que aparecem são reprimidos violentamente por meio dos Robôs gigantes, ou seja, além de estabelecer, os Knightmare Frames são utilizados para manter a estrutura dominante.

²⁰ “usou veículos humanoides blindados, os Knightmare Frames.” (The Day a New Demon Was Born 2006, ep 1, min 00:40 – 01:36, grifo nosso)

À luz desse pensamento, no episódio 7 – “Ataque Cornélia”, a governadora geral do império de Britannia, Cornélia, busca atrair novamente a atenção de Zero, mandando tropas para invadir outro gueto da cidade que elevens trabalham por sua sobrevivência, e massacra dezenas deles. Os elevens que sobreviveram tentaram fugir da barbárie, mas a tecnologia do império é bem superior, já que os soldados do império possuem armas muito avançadas. Na cena a seguir, podemos perceber como o conceito de opressão e violência é utilizado como um meio para manter o sistema dominante dentro da Área 11.

Figura 8: Elevens são massacrados pelo império.



Fonte: otakuanimess.cc. (Cornelia Attack, 2006, ep 7, min 10:12 – 14:13)

Nas cenas apresentadas, vemos os soldados enfileirados de um lado, e a população eleven do outro, e um corpo ao chão. Esse corpo no primeiro frame é de um eleven que se recusava a obedecer às ordens dos soldados, e como sinal de aviso é baleado. A governadora geral, ao se comunicar pelo rádio com os soldados, e percebendo que é preciso fazer algo para manter a ordem natural do sistema, que é perpetuar a posição de dominação sobre os elevens, autoriza que as pessoas que estão desobedecendo às ordens sejam executadas. Assim, observamos nos frames dois e três, a opressão e a violência sendo aplicada na prática, quando

bombas e granadas são lançados contra os civis, e vemos a mulher e seu filho sendo arremessados aos ares pelo impacto da explosão. No frame quatro e cinco, os soldados atiram contra os elevens, e no último frame presenciamos o massacre no paredão com adultos e crianças.

Marx (2012) facilita o entendimento de que a opressão não serve apenas para estabelecer, mas também para manter esse domínio da elite. O império comanda soldados armados com escopetas e metralhadoras dispostos a aniquilar qualquer eleven que ouse se manifestar contra o império, bem como dispõe de centenas de Knightmare Frames com os pilotos altamente treinados para aplacar qualquer ato de rebeldia. Desse modo, a opressão e exploração são ferramentas que edificam as estruturas de dominação utilizados pelos meios supracitados. Marx e Engels (2012) expressam que essa violência apresentada beneficia a perpetuação do poder burguês. Podemos inferir, dessa forma, que a força bélica atua como um ponto de partida para instaurar fortes ideologias que beneficiam a classe dominante. Em suma, a imagem apresenta o que relatamos, que a opressão é utilizada de modo fundamental para fazer valer as ordens e desejos do império como classe dominante, e essa opressão é manifesta em forma de violência e martírio como observamos nas imagens.

O império da Britânia também estabelece e mantém a relação de poder por meio da ideologia. Temos que lembrar que o processo de domínio não apenas se refere ao aspecto físico, mas também um desenvolvimento de uma estratégia ideológica por parte da classe burguesa, fato essencial nas relações de poder. De acordo com Marx (2013), o lado que possui o domínio dos meios de produção, mantém possivelmente o controle da produção ideológica. Podemos visualizar que essa ideologia considerada superior é conjecturada pela Britânia para “reconfigurar” a “nova identidade” dos elevens, que antes eram chamados de japoneses, e assim, essa artimanha ideológica justifica consequentemente a posição de subjugados.

Após estabelecer domínio sobre diversas regiões, o Império da Britânia os identifica por meio de números, sendo o Japão, nesse contexto, classificado como Área 11, e sua população reduzida a ser denominada apenas como elevens, assim como podemos constatar por meio da fala do narrador no trecho a seguir:

NARRATOR: “Japan became a territory of the Empire... Its freedom... rights... and names were taken. Area 11. That number was Japan's new name after its defeat”²¹ (The Day a New Demon Was Born 2006, ep 1, min 00:40 – 01:36, tradução nossa).

²¹ **NARRADOR:** “O Japão se tornou um território do Império... Sua liberdade... direitos... e nomes foram tomados. Área 11. Esse número era o novo nome do Japão após sua derrota.” (The Day a New Demon Was Born 2006, ep 1, min 00:40 – 01:36, Tradução nossa).

Como o trecho sugere, há uma sequência de demais especificidades ligadas a retirada do nome da nação, composta por sua liberdade e seus direitos. A partir da soma destes três, ou melhor, a subtração, conjecturamos que a nova nomenclatura dada a este povo simboliza a extorsão de suas identidades. Reduzindo suas existências a um número, a fim de facilitar a manobra destes a partir de seus interesses.

Essa ferramenta ideológica busca internalizar na mente deste povo a justificativa da manutenção e perpetuação da divisão de classes ao retirar deles sua conexão com sua própria cultura e apagar suas histórias, para remodelá-los ao seu bel-prazer com mais facilidade. Nas palavras de Marx (1993, p. 72), “as ideias dominantes nada mais são que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação”. Nesse sentido, entendemos que estas ideias pontuadas pelo teórico alemão remetem às estratégias de ideologia e ainda, mais especificamente, a uma de suas ferramentas adicionais como a alienação.

Assim, quando o narrador comenta que os nomes foram tomados e o número passou a ser o novo nome, observamos uma maneira ideológica de estabelecer e manter uma relação de poder desigual. Ao tomar o nome e conceder um novo, o sistema dominante estabelece a relação de dominância, mas dizer que esse era o “novo” nome, podemos sugerir que a partir disso, o império deseja manter e perpetuar os valores elitistas por meio dessa ideologia. Por fim, a primeira frase revela que o Japão se tornou um território do império, evidenciando que foram destituídos de suas posses, ou seja, o império estabeleceu por meio da força e violência o sistema que perdura nesse território, o sistema que rouba direitos e liberdade.

Adiante, no anime, percebemos que o conceito de alienação aparece como estabelecimento e manutenção do status quo. No Episódio 9 – “Refrain”, em uma praça na cidade de Britannia, um vendedor eleven está vendendo cachorro-quente, e em seguida vários britannians começam a espancá-lo por haver a discriminação por parte deles sobre um japonês sem identidade. Kallen que está andando pela cidade ao lado de Lelouch, vê a cena, mas como está disfarçada como britannian, Lelouch a impede de fazer alguma coisa, pois ela poderia ser morta.

Figura 9: Kallen conversa com um eleven agredido.



Fonte: otakuanimess.cc. (Refrain, 2006, ep 9, min14:18– 15:19)

Britannian: “Aren’t you elevens good at getting your heads down?

Lelouch: There are five of them. You can’t win.

Kallen: So I should abandon him?

Lelouch: Take a good look at the eleven being oppressed. You can go, try to help him... If you do that, that eleven won’t get any customers tomorrow. That’s what it means to work in the city.” [...]

Kallen: Are you all right?

Salesman: A Britannian student... welcome. Would you like a Californian hot dog? I also have ice cream.”²² (Refrain, 2006, ep 9, min14:18– 15:19).

Como podemos observar no primeiro frame, após a brutalidade deflagrada pelos espancadores, Kallen se aproxima do vendedor, movida por empatia, e ao presenciar o estado

²² **Britannian:** “Vocês elevens não são bons em baixar a cabeça?

Lelouch: Há cinco deles. Você não pode vencer.

Kallen: Então devo abandoná-lo?

Lelouch: Olhe bem para o eleven sendo oprimido. Pode ir, tente ajudá-lo... Se fizer isso, aquele eleven não conseguirá freguesia amanhã. É isso que significa trabalhar na cidade.

Kallen: Você está bem?

Vendedor: Uma estudante Britannian... Seja bem-vinda. Você gostaria de um cachorro-quente californiano? Também tenho sorvete.” (Refrain, 2006, ep 9, min14:18– 15:19)

lastimável do homem, marcado pela violência, a compaixão toma conta dela. O vendedor reage de forma inesperada, apesar das escoriações, ele assume uma postura profissional, como se nada de anormal tivesse acontecido. Sua prioridade se volta para a venda imediatamente, ignorando completamente a dor e a humilhação que sofreu, quando ele menciona: “Seja bem-vinda. Você gostaria de um cachorro-quente californiano?” com uma tentativa de esboçar um sorriso no rosto.

Podemos notar que essa atitude reflete a alienação do trabalhador em um sistema dominante e opressor, onde a necessidade de trabalho se torna a motivação, mesmo à custa da própria dignidade. A necessidade de vender, mesmo diante da violência, pode simbolizar a alienação presente na sociedade. O vendedor parece alienado em seu trabalho, porque perde sua singularidade e identidade em vista de completar seus serviços, porém, a maioria dos lucros gerados irão ser direcionados para o Império. Essa prática de produzir mais e mais riqueza compactuando inconscientemente com a alienação é explicada por Marx (2002, p. 111) que afirma:

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadoria; produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens.

Essa citação expressa que o proletário perde mais enquanto produz mais, concedendo poder a quem está sobre ele, tornando-se “uma mercadoria” que produz outras. Quando o vendedor comenta “Would you like a Californian hot dog? I also have ice cream.²³”, sugere que ele está vivenciando a alienação proposta pelo Império como algo normalizado, e isso é uma forma de manter esse sistema operante, pois diante da citação, o vendedor se transforma em uma mercadoria barata ao esquecer momentaneamente de sua condição degradante, visando o lucro e oferecendo de imediato um produto para Kallen consumir. Para complementar, Marx (2013, p. 144) ressalta que “a alienação [...] da mercadoria se consuma mediante a venda da mercadoria”. Em outras palavras, o ato de venda faz o vendedor não pensar em sua própria história ou dignidade, mas trabalhar cego em um sistema que estimula e mantém cada vez mais essa posição.

²³“Você gostaria de um cachorro-quente californiano? Também tenho sorvete.” (Refrain, 2006, ep 9, min14:18–15:19, tradução nossa).

A alienação estabelece essa relação de poder ao desconectar o proletário dos meios de produção, de sua identidade e de sua força de trabalho. Isso ocorre quando essa força de trabalho é desvinculada do produto do trabalho. Dessa maneira, Marx (2001, p. 129) revela que “nas interfases do processo de alienação, aparecem elementos importantes, como, por exemplo, a propriedade privada numa relação direta entre trabalho e capital: ‘as relações da propriedade privada são o trabalho, o capital e as interconexões entre os dois’”. Desse modo, para manter essa relação de poder dominante, a propriedade privada é relevante, pois o trabalhador se sente “estranho” no processo de produção, no produto e finalmente em relação a si (Marx, 2001).

Dessa maneira, a burguesia utiliza a posse da propriedade privada para exploração e para perpetuar a alienação, ou seja, por mais que o trabalhador produza, ele não é dono daquilo, o que possibilita ele ser alienado do processo produtivo. Percebemos que a alienação ocorre quando o proletário não tem poder de escolha sobre como, o que ou para quem produzir, seguindo sempre as ideologias colocadas para ele acreditar, e para manter esse sistema de dominação, visando o lucro da classe superior. No sistema capitalista, então, o proletário é visto como uma peça em um sistema maior, usado para criação de riqueza (Marx, 2013).

Em concordância com essa discussão, os meios de produção ali, pertencem à classe dominante, ou seja, o carrinho de vendas, e os ingredientes são formas de propriedades privadas, que desassociam o trabalhador do produto gerado, perpetuando assim a alienação mencionada. Ele se torna mero instrumento de um sistema que o aprisiona, incapaz de se rebelar. Oliveira (2019, p. 44) comenta que por meio da alienação “o trabalhador representa não mais que uma mercadoria, um capital vivo que necessita trabalhar sempre mais para não se desvalorizar”. Portanto, o que o eleven faz é justamente o trabalho alienante que só visa gerar um pequeno lucro para ele, e a maioria será tributada para o imperador.

Ao se concentrar unicamente no trabalho de venda, o vendedor ignora as próprias feridas físicas e emocionais que sofre, o que podemos inferir a profunda alienação em que ele está aprisionado. Sua atitude representa também o papel da ideologia da classe dominante, que se beneficia da exploração dos trabalhadores, ignorando a miséria que eles enfrentam a cada dia. A cena, expõe a crueldade do sistema e a alienação do trabalhador em um mundo dominado pela busca incessante do lucro. A indiferença dele diante da própria miséria é como uma memória constante do trabalho alienante presente na sociedade.

Percebemos então, que, à vista dos britannians, o vendedor é uma mercadoria que produz mercadoria para quando eles precisarem, no caso, representado pelo cachorro-quente. Pela perspectiva do conceito de alienação, Lessa e Tonet (2011, p. 99) explicam que “são inúmeras as alienações que brotam da submissão dos homens ao capital. A essência de todas

elas, segundo Marx, está em tratar o ser humano como mercadoria". Essa reflexão sugere que o vendedor é submisso ao capital, e por isso se torna alienado em seu trabalho.

Podemos perceber que além de estabelecer, a alienação tem papel fundamental para manter essa relação de poder, porque ela visa perpetuar ao desvinculamento do homem com o produto do trabalho. Assim, Marx (2001) afirma que a alienação promove o não reconhecimento da posição de sofrer exploração por parte da classe subjugada, pois o explorador faz com que esse processo seja vivenciado como natural. Podemos acrescentar que as condições desenvolvidas de exploração são ideologicamente projetadas para serem inquestionadas, o que evidentemente mantém o status quo. No entanto, quando ocorre uma falha na tentativa da perfeita disseminação e aplicação de tais ideologias, e o proletariado passa a questionar seu papel e sua realidade nesse sistema, as bases desse império tendem a estremecer, e isso poderá ser testemunhado nas análises da subseção seguinte.

3.4.3 A Ascensão dos Rebeldes: confronto e luta de classes

A área 11 em embate com o Império da Britânia retratado em Code Geass (2006), pode ser analisado segundo a perspectiva da luta de classes pelos estudos marxistas. A partir de conflitos desencadeados pela opressão e exploração às quais eram subjugados, alguns grupos de Elevens tentaram formar uma resistência, mas sem sucesso. Por consequência disso, O estudante Lelouch (Zero) ao receber seu poder especial chamado Geass, busca desafiar e romper as estruturas de poder impostas pela classe dominante.

As estratégias de resistência tomadas por Zero personificam a luta coletiva, expressando o processo de reconhecimento da posição social e embate contra a exploração. Desse modo, ao longo desta subseção, investigaremos as situações que revelam como Zero e Elevens da resistência confrontam o poder imperial, desafiam a hegemonia do sistema dominante mediante movimentos e atitudes que representam a luta de classes: o proletariado contra a burguesia. Evidenciaremos esses casos por meio dos conceitos de consciência de classe, resistência por meio da revolução e luta contra as ideologias.

Dentro do anime, a luta de classes fica evidenciada entre Zero e a ordem dos Cavaleiros Negros versus O Império, pois de um lado há um movimento que carece de recursos, lutando juntos para mudar o status quo depois do despertar da consciência de classe, e do outro o uso da força militar por meio dos Knightmare Frames para aplacar essa resistência e voltar tudo ao normal que sempre foi. A ordem dos Cavaleiros Negros, é o grupo de elevens que Zero conseguiu unificar para lutar pela libertação da Área 11. A princípio, o grupo era disperso,

enquanto uns seguiam seus próprios caminhos, outros não tinham noção do que fazer para contra-atacar o Império. Desse modo, Zero convoca esses elevens para trabalharem juntos em um propósito, resistir e destruir Britânia.

Antes de chegarmos ao confronto de fato, ou seja, a resistência contra uma força dominante, é necessário entendermos o despertar da consciência de classe. Zero em uma cena intrigante, instiga Kallen a pensar sobre a condição que vive, levando a jovem garota a refletir sobre a situação socioeconômica da Área 11. Esse processo, estimulado por Zero, conduz Kallen a conceder um ultimato depois dela vagarosamente despertar algo que não tinha notado antes, como veremos a seguir.

No episódio 4, Kallen, uma eleven amiga de Zero, está visitando um museu dentro de Britânia, mas está disfarçada de estudante, já que ela é eleven e não pode ser descoberta com essa identidade. Nesse museu, Kallen observa as figuras da guerra em que a Britânia massacrou o antigo Japão, enquanto uma voz de locutora dentro do museu narra as incríveis façanhas do império ao conquistar os japoneses, fato que Kallen reage com suspeita. Após isso, Kallen recebe um dispositivo parecido com um relógio com o nome “Zero” de uma funcionária, o que entendemos que é uma artimanha de Lelouch para contactar Kallen sem que sua identidade seja revelada. Lelouch assim, contacta Kallen e pede para que ela pegue um trem para uma direção específica.

Dentro do trem, a voz da maquinista no vagão avisa por meio do alto-falante que caso os britannians que estão ali no trem vejam alguém suspeito, eles devem avisar imediatamente, uma clara referência a algum Eleven. Ali, já que é um meio apenas de locomoção de britannians, Kallen, evidentemente, está correndo um grande risco, mas pelo seu disfarce ela está segura momentaneamente. De repente, Kallen recebe a ligação de Zero, momento que nos é apresentado por meio do diálogo e imagens a seguir:

Figura 10 – O trem passa no meio dos dois territórios.



Fonte: otakuanime.cc. (My Name Is Zero, 2006, ep 4, min 08:12 – 08:44)

ZERO: “Look to your right. What do you see?

KALLEN: A city of Britannians. A city of thieves, maintained by our sacrifices.

ZERO: And to your left?

KALLEN: Our city. The remains of a city sucked dry by the Britannians.

ZERO: Good answer.”²⁴ (My Name Is Zero, 2006, ep 4, min 08:12 – 08:44).

Podemos observar na cena, que do lado esquerdo fica localizado a cidade que moram a maioria dos Britannians, ou seja, as pessoas que têm o poder do império, e usufruem de uma vida confortável e com riquezas. No frame um, os prédios estão organizados, e parecem bem cuidados e limpos. Percebemos no frame dois, os prédios com o aspecto de velhos e antigos, não estão bem cuidados e com um aspecto de pobreza, o que é importante ressaltar, pois os dois lados fazem parte do mesmo país e com a mesma duração, porém essa disparidade evidencia a diferença entre essas classes.

Ao lado direito, como mencionado, a cidade dos elevens está destruída, envolta pelo caos, enquanto os moradores lutam para sobreviver ao serem oprimidos pelo império. Podemos notar a polaridade entre os dois lados, ricos e pobres, luxo e pobreza, burgueses e proletários, porque o trem passa no limiar entre essas classes. Observamos nitidamente a separação entre uma estrutura muito bem equipada e feita manutenção periódica, que podemos classificá-la por suas características como a burguesia. Enquanto do outro lado, pequenas casebres foram

²⁴ **ZERO:** “Olha para a tua direita. O que é que vês?

Uma cidade de britânicos. Uma cidade de ladrões, mantida pelos nossos sacrifícios.

ZERO: E à vossa esquerda?

A nossa cidade. Os restos de uma cidade sugada pelos Britannians.

ZERO: Boa resposta.” (My Name Is Zero, 2006, ep 4, min 08:12 – 08:44, tradução nossa).

construídos próximo a ferrovia, o que sugere que o ambiente dentro dos prédios destruídos ficou insuportáveis para conviver, podendo ser referenciada como o proletariado.

No diálogo, Zero por meio de suas perguntas leva Kallen a se questionar sobre o que ela vê, e visualizar a disparidade gritante entre os dois: de um lado, uma realidade acentuadamente rica e tecnológica, e do outro a destruição, pobreza implacável e pessoas trabalhando em situações precárias. A garota, assim, apresenta a resposta certa para quem realmente percebeu a realidade: “The remains of a city sucked dry by the Brittannians”.

Essa resposta nos faz compreender que nesse momento de percepção e reflexão ao conversar com Zero, ele consegue despertar uma consciência em Kallen. Essa consciência é o ponto inicial para a noção de consciência de classe. Para chegar a confrontar e resistir o Império essa consciência de classe é essencial, já que ela é o momento que a classe proletária se apropria da independência dos grilhões ideológicos capitalistas e passa a ser uma classe social para si mesma, e isso é o processo dessa consciência de classe (Marx, 1985). À vista disso, Zero passa a juntar os Elevens em um grupo de resistência que, por meio da consciência de classe, se apropria de força para resistir e confrontar o Império. O método de como a resistência luta contra o Império iremos ver a seguir.

Depois do grupo de Elevens estarem unidos pelo propósito da libertação, a resistência consegue por meio de acordos fora da visão do império adquirir um Knightmare Frame para eles por meio de alianças. E Zero concede que Kallen o pilote. Quando o império está em uma tentativa de dominação de um território importante da Área 11, Zero juntamente com Kallen, surpreende a classe dominante pela primeira vez com um Eleven utilizando um Knightmare Frame vermelho, chamado Guren MK. II. Na cena e diálogo a seguir podemos observar como esse confronto acontece:

Figura 11: Kallen contra-ataca o império.



Fonte: otakuanimess.cc. (A batalha de Narita, 2006, ep. 11, min 13:30 – 14:40)

Na imagem, notamos que a resistência está fortemente evidenciada pela luta de classes, pois depois da organização de Zero com os grupos de elevens, e do começar do despertar da consciência de classe, eles começam a partir de então lutar para conquistar seu espaço. Isto está personificado no Guren MK em combate com o Knightmare Frame do império. Observamos no frame da luta, Kallen aplica um golpe certeiro que causa um dano enorme ao robô do império, o que podemos inferir que essa resistência está caminhando em curso. O Guren está em posição de ataque total, evidenciando o desejo dos trabalhadores de confrontar e resistir por meio da cena, já que Marx (2012) afirma que a classe proletária é a única classe que pode ser revolucionária. Dito isso, o Sutherland, parece ter sido abatido sem força de retornar ao normal, e a partir desse ponto da história, percebemos que esse combate representa a luta de classes com o início da reviravolta por parte do grupo resistente.

Outro ponto importante a destacar, é que o poder que sai do braço do Guren Mk que Kallen pilota, é radioativo e causa um dano estrutural muito forte ao Knightmare do Império. Esse poder radioativo é produzido justamente pela Sakuradite. Reiteramos que a Sakuradite tem uma relação direta com o conceito de Mais-valia, ou seja, quando os proletários tomam posse do que produziram, podem se beneficiar do que era roubado pelo capitalista (Marx, 2013). Na cena, podemos inferir que os elevens podem resistir porque estão usufruindo da Sakuradite em seu Knightmare Frame, o Guren MK, em outras palavras, ao reivindicar para si o que os pertencia por direito, a Sakuradite que eles mesmos produziam, a ordem poderá ser restabelecida para aqueles que há muito foram distanciados do produto resultado de seu próprio trabalho.

Podemos inferir que a resistência da Área 11 ao sistema operante no País é manifesta por meio da luta de classes. A população eleven simbolizada por Kallen e o Guren MK, que mencionamos como classe proletária e dominada, confronta o império da Britânia e o status quo por meio da resistência armada que tomaram do império, porém, essa forma de resistência só é possível, porque primeiramente Zero, figura de liderança, personifica a causa proletária na forma de união dos trabalhadores. Em outras palavras, Zero atua como uma referência de unidade, união da classe operária em resistência às barbáries do império, e ele atua na Área 11 e com a população eleven, tentando despertar na população a consciência de classe.

Essa manifestação da resistência fica evidente nessa luta de classes calculada por Zero, que simboliza a vontade de despertar a consciência e vontade revolucionária de se desfazer dos grilhões da exploração e opressão. De acordo com Marx (2007), a consciência de classe começa a ser desenvolvida quando o proletário se dá conta da exploração que sofre e começa a desenvolver um *insight* coletivo sobre a opressão que vive. Assim, percebemos que Zero tenta

fazer um movimento de união da população eleven em prol de uma causa em comum: a libertação da violência, desigualdade e um confronto visando uma revolução que destituiria o sistema do império da Britânia, que percebemos como o sistema capitalista em comparação.

Zero e o seu grupo confrontam a classe dominante também por meio do embate cultural. Após perceberem os discursos da mídia estatal, eles rejeitam a ideologia britânica e lutam contra os valores impostos pela superestrutura da elite. Ademais, notamos que o imperador transmite sua superioridade a todo momento quanto seu próprio lugar de fala é estabelecido acima de todos os outros do império:

Figura 12: Aposentos do Imperador.



(The Stolen Mask, 2006, ep 6, min 00:11 – 00:20)

Como apresentado nas imagens, o lugar de fala do imperador se estabelece em uma perspectiva quase como celestial, imponente, superior em suas características geográficas e factuais. Para embasarmos a análise dessa cena em específico, somos amparados pelos pensamentos de Luís Alberto Brandão Santos e Silva Pessoa de Oliveira (2001) ao conjecturar que o espaço em que está posicionado uma personagem fala muito não apenas sobre sua característica física e evidente, mas também sobre outros tipos de espaço, como, por exemplo o social. A partir das visões de mundo que desenvolvemos em nossa cultura, somos capazes de interpretar o posicionamento intencional do imperador como a busca por evidenciar seu espaço social diante daqueles que o cercam e que o serve, e neste caso: acima.

À vista dessa reflexão, Gramsci, (2001, p. 1380) explica que a ideologia é “concepção do mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações da vida individual e coletiva”. Compreendendo esse pensamento, a fala do Imperador, o líder supremo de Britânia, é levada em consideração por toda a classe dominante, que seguirá seu modo de pensar, nas coisas mais simples da vida cotidiana, em outros termos, implicitamente os Britannians implementam a ideologia dominante em suas vidas, que sugerimos ser a ideologia capitalista. Enquanto utiliza os meios de imprensa e sociais para

inferiorizar um povo, isso tacitamente reforça uma aceitação das normas dominadoras, desmotivando uma resistência consciente por parte dos trabalhadores.

No entanto, em contrapartida, a resistência passa a negar continuar se sujeitando a este pensamento que reduz e tenta apagar sua história e identidade. Desse modo, sua objeção se concretiza pela luta de classes, que notamos por meio do embate militar, pois a Área 11 consegue um Knightmare para enfrentar o império, bem como confronta o sistema político ideológico como notaremos a seguir.

A cena seguinte e o excerto seguinte, apresentam o momento em que A Ordem dos Cavaleiros Negros, liderada por Zero, se apresentam oficialmente ao mundo. Antes disso, um grupo de militares japonês intitulado Frente de Libertação do Japão com alianças extraoficiais com o Império de Britânia, havia sequestrado inúmeros reféns elevens na tentativa de atrair Zero. Esse grupo composto por militares querem poder em meio ao conflito dessa luta de classes, e devido a isso, Zero resolve traçar um plano para salvar estes reféns. Os sequestradores, a fim de amedrontar, resolvem jogar de cima do prédio de onde estão um refém a cada trinta minutos, enquanto não conseguirem o que querem. Entretanto, Zero com os seus recursos e seu grupo da resistência consegue resgatar estes reféns. Após isso, Zero utilizando essa ação de resgate, aproveita a oportunidade para se revelar publicamente diante de todos e anunciar que irão lutar e confrontar a ideologias e exploração que o Império coloca sobre a Área 11:

Figura 13 – Zero e a Ordem dos Cavaleiros Negros.



(A Ordem dos Cavaleiros Negros, 2006, ep. 08, min 20:53 – 22:24)

ZERO: “People! We are... the Order of the Black Knights. We are allies of everyone who has no weapons. The Japanese liberation front used underhand tactics, holding civilians hostage and executing them in cold blood. Clovis, the former Governor General, did the same. He massacred unarmed elevens. Watching the strong cowardly massacre the weak... is unforgivable! When the powerful attack the weak, we will be there again. No matter how strong the enemy is. Those with

power... fear them! Those without power... follow us!”²⁵ (A Ordem dos Cavaleiros Negros, 2006, ep. 08, min 20:53 – 22:24)

Em vista disso, podemos observar na imagem apresentada que os elevens agora sob a supervisão de Zero, estão unidos devido aos seus uniformes. Embora Zero esteja na frente do grupo, podemos mencionar que ele simboliza o desejo da resistência e revolução por meio de suas palavras. Zero ressalta que a resistência estará do lado daqueles que estão desarmados, ou seja, os elevens que sofrem a opressão do Império. Além disso, destacamos a frase que ele diz “Não importa quão forte seja este inimigo”, isso indica fortemente a vontade de confrontar a ordem dominante, pois a sentença evidencia que por mais forte que seja o sistema, nós podemos superá-lo, ou seja, iremos lutar.

Em consideração ao que foi apresentado, o discurso evidencia que por meio da luta de classe a Área 11 pelo movimento iniciado por Zero, resiste e confronta os ideais dominantes, visando assim, tomar o poder. Para isso, Marx e Engels (2012, p. 50) explicam que:

Se, na luta contra a burguesia, o proletariado, por necessidade, se une numa classe, torna-se a classe dominante por meio de uma revolução e, como classe dominante, se vale de seu poder para abolir as velhas relações de produção, com isso ele abole também as condições para a existência do antagonismo de classes, abole as próprias classes e, desse modo, sua própria dominação como classe. No lugar da velha sociedade burguesa, com suas classes e antagonismos de classes, surge uma associação na qual o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos.

Diante disso, o propósito da luta, da resistência que leva a revolução, é tirada dessa reflexão, que o proletário tomará o poder, mas abolirá sua própria dominação como classe, da forma que Marx e Engels (2012) explicam. Assim, Zero e a Ordem dos Cavaleiros Negros apresentam esse desejo por intermédio da resistência, alçar os elevens a uma sociedade sem classes para o livre desenvolvimento de todos.

Assim, os estudos marxistas revelam que a luta de classes tem como desencadeamento a consciência de classe sobre a exploração e alienação vivenciadas pela classe proletária. O despertar dessa consciência de classe na Área 11, é evidenciado pelo personagem Zero, que organiza os planos contra o império. A alienação é confrontada por Zero, quando ele desafia

²⁵ **ZERO:** “Pessoas! Nós somos... a ordem dos cavaleiros negros. Nós somos aliados de todos que não tem armas. A frente de libertação do Japão usava táticas desleais, mantendo civis como reféns, e executando-os a sangue frio. Clovis, o ex-Governador geral fazia o mesmo. Ele massacrou elevens desarmados. Ver os fortes massacarem covardemente os fracos... é imperdoável! Quando os poderosos atacarem os fracos, lá estaremos novamente. Não importa quão forte seja este inimigo. Aqueles com poder... temam-nos! Aqueles sem poder... sigam-nos!” (A Ordem dos Cavaleiros Negros, 2006, ep. 08, min 20:53 – 22:24, grifo nosso, tradução nossa).

por meio de suas ações e pensamentos a ordem vigente, além de mobilizar os elevens em um grupo organizado que desafia as ordens do império, como observamos na imagem e no excerto. Zero começa pelo seu poder, a contra-atacar a classe dominante, e entra em batalhas físicas com os Knightmare Frames e disputas políticas.

Outro aspecto dessa resistência é a união indispensável da classe trabalhadora para acabar com as dinâmicas de exploração. No que apresentamos, Zero comenta que os grupos dominantes usavam “táticas desleais, executando elevens a sangue-frio”, uma forma nítida de opressão. Desse modo, Zero convence os elevens a se unir ao invés de permanecer com o pensamento que a Britânia sempre irá reinar, fomentando a luta de classes por meio da união e organização da classe dos elevens.

Podemos complementar ainda, que na imagem, por mais que Zero seja intitulado como o motivador e instigador que está guiando os elevens em prol de uma resistência, o personagem se encontra em um nível mais baixo do que os demais. Dito de outro modo, as pessoas enfileiradas estão mais altas que apenas um, significando que, a coletividade é o cerne do movimento. Assim, o importante segundo Lessa e Tonet (2011, p. 103) é o trabalho em conjunto ou associado que é “consciente, livre, coletivo e universal [...] (que serão necessariamente todas as pessoas capazes) sobre o processo de produção e de distribuição dos bens”. Assim sendo, a imagem representa a união e coletividade indispensáveis para a resistência poder deflagrar os atos que emancipam de uma sociedade que explora a individualidade.

Esse processo de organização e união, podemos apresentar por meio dos estudos marxistas que a classe trabalhadora, precisa despertar a consciência de classe para transcender essa alienação que mantém a classe trabalhadora oprimida. Dessa maneira, a sociedade sem classes ideal e igualitária após a superação pela revolução, seria a sociedade comunista. Esse modelo de sociedade comunista, segundo Lessa e Tonet (Lessa e Tonet, 2011, p. 110) deixam evidente:

Só no comunismo, e exatamente por estar fundado numa forma de trabalho que permite superar a exploração e a dominação do homem pelo homem, é que pode existir uma relação harmônica entre esses dois polos, na qual cada um guarda a sua mais plena especificidade. Essa harmonia, por sua vez, significa apenas que já não há possibilidade, por causa do fundamento do trabalho associado, de que qualquer conflito entre o interesse individual e o interesse geral se torne antagônico e, portanto, dê origem a uma nova forma de poder do homem sobre o homem.

Percebemos que a exploração e dominação do homem pelo homem, ocorre nessa sociedade que foi conquistada por meio da resistência inicial. Como Lessa e Tonet (2011)

argumentam, só poderá existir essa relação harmônica, quando a exploração e opressão já não existir mais, e é o que Zero com os elevens lutam para conseguir. Podemos acrescentar que a resistência na perspectiva de Netto (2006, p. 33) é quando “a revolução entra na ordem do dia quando o proletariado, através da ação dos seus segmentos de vanguarda, atinge aquela consciência”. Dito isso, é importante ressaltarmos a relevância da luta consciente do proletariado, que Zero consegue despertar em Kallen, e consequentemente nos elevens que o ouvem.

Portanto, a tomada da consciência de classe tanto pelo Zero, quanto pelos elevens a partir dele e a união posterior, são nitidamente notadas como as formas que a Área 11 utiliza para resistir e confrontar o Sacro Império de Britânia. Dessa maneira, no excerto apresentado, Zero junto aos elevens não apenas confrontam, mas atacam a ideologia demonstrada pela posição celestial do imperador, também a opressão e exploração, demonstrando um movimento em direção a uma revolução.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a intenção de compreendermos melhor o meio socioeconômico que estamos inseridos, é imprescindível termos um olhar crítico, criterioso e atento para os sistemas que nos rodeiam. Para nos ajudar a observar tais questões dos processos econômicos e hegemônicos que estamos vivendo, é importante ressaltar que escolhemos esta prática cultural: anime Code Geass (2006). Esse anime reflete as relações econômicas entre duas classes sociais distintas em suas características, evidenciando conceitos de suma importância no que tange ao marxismo, e assim tivemos a oportunidade de relacioná-los com os estudos marxistas.

Sendo assim, pretendemos responder a seguinte pergunta: como são estabelecidas, mantidas e confrontadas as relações de poder na Área onze do anime Code Geass (2006)? Para isso, estipulamos como nosso objetivo geral: analisar como são estabelecidas, mantidas e confrontadas as relações de poder na Área 11 do anime Code Geass (2006). A fim de alcançá-lo, estipulamos como objetivos específicos: (1) discutir os pressupostos teóricos dos estudos marxistas; (2) caracterizar o Império da Britânia como classe dominante e a Área 11 como classe dominada, evidenciando os aspectos que fundamentam as relações de poder entre elas; (3) identificar como as relações de poder são estabelecidas e mantidas pela divisão de classes por parte do Império da Britânia e (4) compreender as formas que a Área 11 confronta o Império da Britânia por meio da luta de classes.

As nossas análises interpretativistas indicaram que o Sacro Império da Britânia pode ser caracterizado como uma classe dominante, ou seja, a burguesia, por meio dos métodos de controle social e dos artifícios para posse total dos meios de produção, bem como a força militar e a liderança ideológica. Por outro lado, a Área 11 representa a classe proletária, a dominada, e é caracterizada pela dependência absoluta dos recursos e meios de produção em posse da classe superior, além de sofrer alienações advindas do sistema hegemônico de Britânia, que analisamos como uma referência ao sistema capitalista. Assim, também é vista como a classe que sofre a exploração por meio de violência física e ideológica.

Em virtude a como essa relação de poder é estabelecida e mantida, podemos afirmar que a opressão e exploração é um meio que o império de Britânia utiliza para concretizar a divisão de classes. O império consolida os elevens como submissos e tomam o seu território para torná-los dependentes economicamente, e isso é uma forma de manter essa relação de poder de dominante e dominado. A divisão de classes, então, é uma ferramenta fundamental que a Britânia fomenta para manter o controle estatal sobre os elevens explorados. E esse poder é estabelecido e mantido pela alienação e ideologia.

Ainda, percebemos que a Área 11 aplica resistência e confronta o império quando Zero organiza os elevens e, pelos seus discursos, motiva o despertar da consciência de classe. Zero simboliza o ideal coletivo da união dos trabalhadores, com uma narrativa de libertação do trabalho alienado e das ideologias imperialistas burguesas. A luta de classes acontece em meio a embates, dado que os elevens conseguem lutar pelo uso de um Knightmare Frame confiscado do império. A Área 11 confronta o império também por meio de agrupamentos solidários dos trabalhadores, bem como essa luta de classes é manifesta quando Zero lidera a classe social dominada para identificar as ideologias do império a fim de combatê-las, evidenciando assim uma resistência sólida.

Conforme o que apresentamos em nossas análises interpretativistas, ressaltamos que conforme a pergunta, o objetivo geral e os específicos foram atingidos de maneira satisfatória. Já que o que propomos, mostramos por meio de frames e excertos que foram essenciais para manter o foco do objetivo que queríamos alcançar. O anime *Code Geass* (2006) é ainda desconhecido pela maioria das pessoas, fato que pode promover um olhar especial para essa prática cultural no futuro. Nossa investigação aconteceu com uma pequena parcela do vasto universo dessa história, o que possibilita mais pesquisas acontecerem e novos fatos surgirem. Pontuamos que o enredo ainda possa ser analisado por meio do Mangá, que também seria um interessante meio de explorar o viés dos estudos marxistas por uma nova perspectiva.

As dificuldades para realização desta pesquisa se dão em torno do desconhecimento dessa prática cultural no mundo acadêmico. Ressaltamos, que tanto o Mangá, quanto o anime são relativamente desconhecidos pela maioria das pessoas, e sua relação com os estudos marxistas se mostrou um tanto raro. Achamos uma pequena quantidade de trabalhos que relacionavam as duas coisas, e quando os achamos, os temas diferiam do propósito dessa investigação. Podemos claro, utilizar alguns dados e teorias para complementar, porém, optamos por continuar a realização da análise para incentivar os estudos nessa perspectiva apresentada, bem como motivar novas pesquisas que trarão práticas culturais que revelam um vasto mundo interessante e ainda não explorado de conteúdo.

Em relação às expectativas desta pesquisa, esperamos que este trabalho possa ser relevante para desenvolver um olhar crítico nos pesquisadores e na sociedade em que estamos. E esse olhar crítico, por sua vez, possa ser útil para fazer as pessoas identificarem as mazelas que sofrem no dia a dia advindas do sistema capitalista atual, que priva os trabalhadores de seus direitos, os mantendo presos em crenças alienantes. Desse modo, em nível acadêmico, esperamos que este trabalho possa contribuir de maneira significativa para o acervo de monografias da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Parnaíba, bem como possa

instigar futuras pesquisas com a temática dos estudos marxistas, que percebemos ainda estar pouco difundida, pelo motivo que encontramos poucas apresentações em eventos pessoais que participamos em se tratando de PIBIC.

Finalmente, esta pesquisa me²⁶ transformou de diversas maneiras. O trabalho contribuiu de forma marcante para expansão do meu repertório de teorias nos estudos marxistas. Particularmente, senti que aprofundou temas que até então eram desconhecidos por mim, me fazendo relacionar com a sociedade atual que estamos vivendo. Muitas vezes estamos cegos para a realidade porque precisamos de um desenvolvimento de alguém que já viveu e pode nos ajudar, por esse motivo, o estudo foi significativo para esta questão. Enquanto pesquisador, pretendo levar essa temática além da monografia, para eventos e discussões em sala de aula, disseminando estas reflexões de suma importância.

Diante disso, é necessário que continuemos a profundar o conhecimento e investigações nos estudos marxistas, pois só por meio da educação podemos de fato nos libertarmos dos sistemas em todas as esferas que nos aprisionam. E na esfera econômica, um olhar crítico ao sistema hegemônico pode ajudar de maneira poderosa. Por esta razão continuaremos tanto estudando mais e mais essa temática, quanto difundindo por meio de trabalhos e discussões em sala de aula, pois talvez um simples diálogo pode começar a gerar uma consciência nos estudantes e nos trabalhadores que estão em nossa volta, assim como Zero, teve uma simples conversa com a Kallen, e a partir daí, a resistência iniciou.

²⁶ Devido ao discurso em nível pessoal nesta parte das considerações finais, optamos por utilizar a primeira pessoa do singular.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maycon Iury Araújo. **Explorando code geass:** imperialismo, nacionalismo e ensino de história. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.
- CARLOS, G. S. **A cultura pop japonesa no contexto da cibercultura.** ESPM: São Paulo, 2009
- CODE GEASS: **Lelouch of the Rebellion.** Diretor: Gorō Taniguchi. Estúdio: Sunrise, 2006.
- CURY, C. R. J. **Ideologia e Educação Brasileira.** São Paulo: Cortez e Moraes 1978.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia da pesquisa em literatura** São Paulo: Parábola, 2020.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária.** Tradução de Antônio Sousa Ribeiro. Porto: Afrontamento, 2012.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução.** Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010, 383 p.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007.
- FANDOM. **Blaze Luminous.** Disponível em: <https://codegeass.fandom.com/wiki/Blaze_Luminous> Acesso em: 08.08.2024.
- FANDOM. **Float System.** Disponível em: <https://codegeass.fandom.com/wiki/Float_System> Acesso em: 08.08.2024.
- GARCIA, Camila. **Anime.** Opovo.com.br. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/vidaearte/2022/06/21/anime-entenda-o-que-e-conheca-categorias-e-por-que-faz-sucesso.html>> Acesso em: 30.10.2023
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica.** 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.
- Gramsci, Antonio. **Cadernos do Cárcere.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GUREN TYPE-02. CodeGeass.fandom. Disponível em: <https://codegeass.fandom.com/wiki/Guren_Type-02> Acesso em: 30.10.24
- JAMESON, Fredric. **Marxismo e Forma:** Teorias Dialéticas da Literatura no séc XX. Tradução de Iuma Maria. São Paulo: Editora HUCITEC, 1985.

LENIN, V. I. **Uma grande iniciativa.** In: _____. Obras escolhidas em três tomos. Lisboa: Edições Avante!, 1979. v. 3, Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000031.pdf>> Acesso em: 30.09.2024

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à Filosofia de Marx.** São Paulo: Expressão Popular Ltda, 2011.

MANDEL, Ernest. **O lugar do marxismo na história.** São Paulo: Xamã, 2001.

MARX, Karl. **A sagrada família.** Tradução, organização e notas de Marcelo Backes. – 1 ed. revista. – São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A Sagrada Família,** Boitempo, 2003.

MARX, Karl. **O 18 brumário de Luís Bonaparte.** 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011, 174 p.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel.** 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005, 168 p.

MARX, Karl. **O Capital:** Crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **A ideologia Alemã.** São Paulo : Hucitec, 1993.

MARX, K. **A ideologia alemã:** crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Tradução, Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007

MARX, Karl. **Manuscritos Económico-Filosóficos.** São Paulo: Martim Claret, 2001.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Martin Claret, 2002. 198p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Editora Schwarcz s.a., 2012

MARX, K. **Miséria da Filosofia.** Tradução João Paulo Netto. São Paulo: Global, 1985. Disponível em: <http://ciml.250x.com/archive/marx_engels/portuguese/marx_miseria-da-filosofia.pdf> Acesso em: 30.09.2024

MECHA. Prismaespacogeek.org. Disponível em: <<https://prismaespacogeek.org/mecha/>> Acesso em: 29.10.2023

MERRIAM, Sharan B. **Qualitative research:** a guide to design and implementation. San Francisco: Jossey-Bass/Wiley. 2009.

MINAYO, M. C. S. **O desafio da pesquisa social.** In: MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MOLINÉ, A. **O Grande Livro dos mangás.** São Paulo: JBC, 2006

NETTO, José Paulo. **O que é Marxismo.** São Paulo: Brasiliense, 2006

OLIVEIRA, Gleidimar. **As Faces da Alienação em Karl Marx:** da vida produtiva à vida genérica. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

SANTOS, Luiz Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa. **Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionais.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SATO, C. A. Japop – **o poder da cultura pop japonesa.** São Paulo: NSP-Hakkosha, 2007.

SILVA, L. M. A. **A crítica literária marxista e a questão do preconceito,** REVELL Revista de Estudos Literários da UEMS, ano 4, v.2, n. 7, dez. 2013

SIQUEIRA, Sandra; PEREIRA, Francisco. **Origem e Fontes do Marxismo.** Salvador: LEMARX/UFBA, 2019.

SOTO Rodríguez, Nicole. **Análisis de la oposición ideológica entre Lelouch vi Britannia y Suzaku Kururugi en el anime Code Geass:** Lelouch of the Rebellion mediante el modelo actancial de Greimas. Trabalho de graduação (Licenciatura em Comunicação e Letras). Universidad del Valle de Guatemala, Guatemala, 2021.

TYSON, Louis. **Critical Theory Today:** A User-Friendly Guide. 2. ed. New York: Routledge, 2006.

TYSON, Lois. **Critical Theory Today:** A User-Friendly Guide. 3rd ed. New York: Routledge, 2015.

WIJAYA, M. J., PUSPITASARI, D., & SURYADI, Y. (2023). **Western Power Relations Against the East in the Code Geass Anime Series.** Japanese Research on Linguistics, Literature, and Culture 5 (2), 96-109.